

Liberdade Faz Dez Anos

Esta edição especial do «Diário de Lisboa» vem na sequência de outras edições comemorativas do 25 de Abril

de 1974. É já, para o «DL», para os jornalistas e para todos os trabalhadores da «Renascença Gráfica», uma tradição democrática. No décimo aniversário da Revolução, com os seus leitores, o «DL» está presente. Se todos devemos homenagem aos que lutaram pela Liberdade, nós, trabalhadores da Imprensa, devemos um especial agradecimento àqueles que varrendo a opressão ditatorial e quebrando as algemas policiais, rasgaram, também, as mordidas da Censura. Jornal livre e independente, o «DL» não falta ao encontro com os seus leitores, não falta ao encontro com os que amam a Liberdade e a Democracia neste dia de festa popular. E a todos garante que será defensor, na medida das suas forças, que é a força dos seus leitores,

dos ideais de Abril: da Liberdade, da Fraternidade, da Justiça. À semelhança dos anos anteriores, esta edição é uma iniciativa dos trabalhadores da Renascença Gráfica, empresa proprietária do jornal.

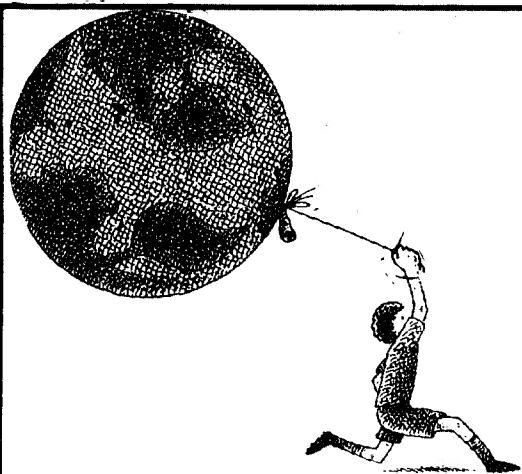
Todos os sectores do jornal deram colaboração: redacção, composição, revisão, montagem, publicidade, fotografia, rotativa, manutenção.

Este «DL» é o produto de uma atitude consciente e de trabalho colectivo.

E também queremos que se saiba que a Interpresse se prestou a facilitar a sua difusão. Que todos os democratas portugueses e os nossos leitores habituais, vejam nesta edição especial do «DL», não só um acto de presença, mas um voto no 25 de Abril.

NESTA EDIÇÃO: Política de A a Z: «Liberdade, Igualdade, Fraternidade ou mandato de Abril» • Reformados em Portugal passam fome e miséria • A memória de Abril no Texto da Lei • ADFA apostada em escalpelizar a guerra colonial • Militares de Abril - muitos passaram à reserva mas todos entraram na História • Desporto - do sonho à realidade

• Na Lundberg - Elas venceram o futuro • Mas quem se preocupa com a inocência • Nunca confundiram o inimigo • Os diamantes • Anemia • A trapadeira que queria ver o céu • Os filhos dos outros



Vinte e cinco de Abril

O 25 de Abril manifestou-se até hoje com a força que ocorreu não apenas num sentido militar mas também popular.

Entretanto o sentido que provém efectivamente da força do 25 de Abril, e correspondente significado concreto e firme do que se passou e passa, ultrapassa apenas os valores que parecem ser os de um futuro, de um passado promissor nunca igual ou semelhante ao actual.

O 25 de Abril não se tomou num passado longínquo, mas numa força capaz de ultrapassar a visão actual e sabe envolver e resolver o sentido que provém da força e da energia concretas, de todos que o souberam dinamizar e apreciar.

Manuel de Azevedo



Uma cena de «The Outsiders», o magnífico filme de Francis Ford Coppola

Mas quem se preocupa com a inocência?

«Somos jovens e inocentes», afirmam os marginais de Coppola.

Mas quem se preocupa com a inocência? Dallas Winston cai, morto, crivado de balas, num parque lamacento. Do bando

dos três adolescentes, era o mais belo, o mais corajoso, o mais forte, o mais rebelde. O herói que desafia num gesto de desespero, provocado pela morte do amigo, o mundo cinico dos adultos. E fá-lo, inocentemente, com o revólver vazio.

Mas alegrem-se porque aquilo só se passa na América.

Na escuridão da sala de cinema, no caso o Apolo 70, numa matinée das três e meia, tento imaginar quem seriam os jovens que, de respiração contida, olhavam para o ecrã. A que classe pertenciam? Seriam estudantes? Teriam bom ambiente em casa? O que pensariam da amizade? E da política? E do seu futuro? Com que sonhavam?

Nunca chegarei a saber, ao certo, os seus pensamentos. Pa-receram-me, contudo, jovens bem alimentados, tranquilos, desprovidos de animosidade contra o que quer que fosse. Meninos-família, contentes porque a vida não lhes corria, de todo mal. Só que as aparências iludem. Se estivemos atentos aos órgãos de Comunicação Social, somos capazes de descobrir, com perplexidade, que os suicídios, entre a juventude, começam a ser preocupantes. Mas porquê? — se aparentemente, vasculhada a sua vida, não há razões para este tipo de actos tão radicais.

Johnny, o putro que apunhala o outro putro do bando rival, daquele a que pertencia (para salvar o amigo), também admitira a hipótese de suicídio. Sentia-se abandonado pelos pais... rejeitado, entregue a si próprio demasiado cedo. E quem não gosta de ser gostado?

Mas alegrem-se porque aquilo só se passa na América.

Jorge, os jornais não falaram de ti. Ou trouxeram simplesmente a tua identificação civil e nada mais acrescentaram. Mas eu sei que tinhas 23 anos, uma figura de atleta, um rosto agradável e uns olhos (os olhos é que te traíam) de animal accossado. Nunca conseguias estar no mesmo sítio muito tempo — havia, em ti, uma incontrolável ansiedade.

«Este rapaz nunca será ninguém na vida», dizia-lhe o pai, um respeitável professor do ensino secundário. Queria-o engenheiro, médico, advogado... pessoa séria e responsável, com mulher e filhos, andar pago a pronto e casa na praia, se possível. O melhor, segundo o seu ponto de vista.

Queria-o bem instalado bem adaptado, bem domesticado. Mas, tu, pregaste-lhe a partida: com o *Pioneer* no máximo, enfiaste uma seringa, sem líquido nas veias. O ar agiu. Matou-te, enquanto Jim Hemdrix tocava até à última faixa. Por acaso, a tua morte não se deu num dia

qualquer: foi num destes vinte-cinco de Abril que têm sucedido, tristemente, ao primeiro, o único.

Jogo

Enquanto assistia à projecção de «Os Marginais», sob uma tremenda comoção (Coppola é o meu herói — cada vez mais) lembrei-me de *Ringolévio*, um livro autobiográfico do americano Emmet Grogan, criador dos famosos «Diggers», de São Francisco, protagonista da explosão juvenil dos anos sessenta. O que para aqui importa é a descrição que faz da sua adolescência, num bairro pobre de Nova Iorque. Ele também pertencia a um bando, uma tribo de jovens brancos que jogavam, nas ruas, ao *Ringolévio* contra o mais importante grupo de jovens habitantes de Harlem. Pretos pobres contra brancos pobres e, todos eles, no lado de lá da fronteira do *establishment*. «Era um jogo de vida e de morte. Uma luta mais do que um jogo. Lembra-me ainda dos nomes de alguns miúdos do meu bairro que foram feridos ou que morreram nesses combates.»

Ringolévio era uma espécie de preparação para a vida. Para a violência, para a pobreza, para a guerra. Aprendia-se, nesse jogo as regras de sobrevivência.

Os grandes jogadores da minha época tiveram todos sucesso, à sua maneira. Houve alguns que acabaram na cadeira eléctrica e outros que apodreceram na prisão. Houve, também, atletas, soldados, esquerdistas, poetas, ladrões... mas nenhum se tornou escroque ou gangster. Talvez venhamos a ser abatidos, Grogan e eu, mas nunca com os braços levantados no ar.» (Albie Baker, a quem Emmet Grogan dedica o livro desta maneira: «ao maior jogador de *Ringolévio* que jamais apareceu em Bronx».)

Mas alegrem-se porque aquilo só se passa na América. No entanto, por cá, também já se vão passando umas coisas. Indícios, pequenos sinais do mal-estar de uma certa juventude que, embora proveniente dos meios proletários, não se reconhece nas organizações sindicais nem nos partidos políticos que continuam fixos numa linguagem cristalizada em velhos modelos. Eles sentem-se tão diferentes da aristocracia operária como dos grandes burgueses. A clivagem não se dá entre operários e patrões mas entre os que têm a existência garantida e os que a não têm.

O vocabulário dos pais, dos educadores (sejam eles quais forem), dos políticos já não funciona. Que ninguém se espante quando ouvir contar que uns «vândalos» esfaquearam os assentos dos comboios da Linha de Sintra, ou que as cabinas telefónicas e os abrigos das paragens de autocarros não se aguentam muito tempo intactos.

aperta o blusão de cabedal negro, cingindo-o ao tórax e dirige-se para o café do seu bairro. Junta-se ao grupo, de que é uma espécie de chefe, e com ele combina o programa dessa tarde. Entre o cinema e umas horas nos *flippers* da Avenida de Roma vence a primeira hipótese. Que fita, pá? Decidem-se pelos «*Marginais*», em parte por causa do título e um pouco pela pinta dos *chavalos* que surgem nos cartazes de propaganda ao filme.

Claro que o nome de Coppola não lhes diz absolutamente nada. Luís delira com o porte macho de Matt Dillon (o Dallas), com o seu andar bamboleante e identifica-se com ele.

Dos seus olhos escorre humidade mas faz o possível por disfarçar esse momento de fraqueza. Nessa noite aumenta a dose de «cavalos» para que a sensação de quente, do envolvimento em algódo, seja mais forte, mais duradoura. Morar no bairro da Curraleira deprime-o e o facto de não possuir dinheiro para comprar uma moto brilhante revolta-o. Que raiva, quando passeia na Baixa e vê nas montras casacos de trinta contos! E ele?

O jovem militar alvejado a tiro na madrugada de sábado por um agente da PSP da esquadra do Bairro de Encarnação, no decurso de um incidente de que continuam a desconhecer-se pormenores, nomeadamente a versão oficial daquela corporação de Polícia, será hoje autopsiado («Correio da Manhã» de 23/4/84).

Chamava-se João Gaspar Vieira Ribeiro, tinha vinte anos e prestava o serviço militar. O seu corpo foi encontrado, numa azinhaga, esvaído em sangue, embora o pulso ainda batesse ao de leve. Três horas durou a intervenção cirúrgica, a que o submeteram no Hospital de Santa Maria. Mas a bala, alojada no baixo-ventre, rebentou com ele, interrompeu-lhe bruscamente a vida. Ao que consta o autor dos disparos teria sido um polícia, à paisana, mas as circunstâncias em que o acto ocorreu ainda não foram averiguadas.

Em última análise pode-se vir a concluir que o jovem militar teve culpa ou que, pelos menos, negligenciou os cuidados que um rapaz numa cidade, ainda que pacata e provinciana, deve ter. E verdade que não vivemos na América mas... com a Polícia não se brinca.

Nem sequer com uma pistola de plástico, daquelas de folminantes. De brinquedo. Afinal João morreu «just a kid» como no filme de Coppola...

Que nome tem o sítio onde vivemos?

Lourdes Féria



CÂMARA MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM

COMEMORAÇÕES DO 10.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

MANIFESTO

Em 25 de Abril de 1974, o povo português manifestou nas ruas a sua incontável alegria pelo fim do regime fascista.

Há 10 anos, nessa data memorável o povo em aliança com o M.F.A., iniciou uma nova era, pela liberdade, pela paz e pela justiça social. O povo do nosso concelho, que também deu a sua contribuição através da luta antifascista para a nossa Libertação tem estado no centro da luta pelas conquistas da Revolução que constituem os alicerces do regime democrático.

Nos últimos anos intensa e heroicamente tem travado palmo a palmo a ofensiva dos inimigos da democracia.

É no calor desta luta que o povo do concelho de SANTIAGO DO CACÉM comemora o 10.º Aniversário do 25 de Abril.

A unidade de esforços e acção neste 25 de Abril de 1984 tem a sua maior expressão na mobilização popular, no encontro de democratas e forças democráticas decididos a corresponder aos interesses patrióticos em prol da liberdade, da democracia, do progresso social, da Independência Nacional e da paz, por uma sociedade mais justa e feliz.

Neste sentido, entendemos dar pública Informação à população do nosso concelho da constituição de uma Comissão de Honra concelhia, os sentimentos democráticos do povo do nosso concelho e a sua vontade de prosseguir ABRIL. O 10.º aniversário do 25 de Abril será o marco importante nesse sentido. Há-de perpetuar-se como o 25 de Abril que se repete, mas com uma força redobrada.

Não se pode governar contra a vontade dos trabalhadores e do povo, e com eles a solução democrática para as dificuldades actuais.

VIVA O 25 DE ABRIL 10.º ANIVERSÁRIO

COMISSÃO DE HONRA

Câmara Municipal de Santiago do Cacém
Assembleia Municipal de Santiago do Cacém
Junta de Freguesia de Abela
Junta de Freguesia de Alvalade
Junta de Freguesia de Cercal
Junta de Freguesia de Ermidas
Junta de Freguesia de Santiago
Junta de Freguesia de St.º André
Junta de Freguesia de São Bartolomeu
Junta de Freguesia de Santa Cruz
Junta de Freguesia de S. Domingos
Junta de Freguesia de S. Francisco
Bombeiros Voluntários de Santiago do Cacém

Associação Cultural Recreativa e Desportiva (Estrela do Areal) — Santo André
Associação de Rendeiros e Searceiros de Alvalade
União de Sindicatos de Sines e Santiago
Comissão de Moradores de Bartolomeu
Comissão de Reformados de Santiago do Cacém
Movimento Democrático de Mulheres
Escola Preparatória de Santiago do Cacém
Escola Secundária de Santiago do Cacém
Coordenação Concelhia de Alfabetização
Pioneiros de Portugal
Manuel da Fonseca
António Elias Simões
Francisco Raimundo Romão
José Nunes
Maria Pereira Ferreira Matos
Manuel José Gonçalves
Manuel Pereira Ramusga

1

«Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena.»
Fernando Pessoa

Q

UAISQUER que sejam as dificuldades presentes, por mais fundas e profundas que sejam as nossas amarguras e desilusões, valeu a pena termos recuperado a Liberdade. Somos livres. Somos cidadãos de pleno direito. Está nas nossas mãos fazer de Portugal uma Democracia aberta e progressista. Está nas nossas mãos transformar Portugal, modernizar a vida portuguesa, tornar a nossa sociedade mais livre, mais justa, mais fraterna.

Ter resistido aos tiranos, aos censores, aos perseguidores, ao terror policial, valeu a pena. Valeu a pena ter resistido e ter combatido. Ter dito não aos opressores. Ter dito não ao fascismo. Ter dito não à guerra colonial. E a dez anos de distância, apesar dos aspectos negativos de um curso político complexo e contraditório, o acto revolucionário dos valentes militares de Abril desperta sentimentos de sincera gratidão e de calorosa solidariedade, e é ocasião de dizer-lhes que, para o povo, o 25 de Abril valeu a pena. A acção revolucionária de 25 de Abril de 1974 está já inscrita na História Contemporânea de Portugal.

As tentativas de esvaziar a Revolução de 25 de Abril do potencial revolucionário que continha e que a adesão popular aprofundou e multiplicou, as manobras confusionalistas e deformadoras, fazem parte, como é evidente, de uma insidiosa ofensiva de recuperação que visa restabelecer as posições e interesses de «antigamente». Pretende-se comemorar Abril contra Abril, contra o espírito verdadeiro e o desenvolvimento necessário da Revolução de Abril. Olhar frio e o pensamento lúcido, é-nos exigido. Não podemos consentir que reduzam Abril a um acto generoso e doméstico que ofereceu a alguns predestinados ascensão militar ou uma carreira política.

É legítimo afirmar que só pela Liberdade ao povo devolvida e pela plenitude da cidadania, o 25 de Abril valeu a pena. Mas, o projecto que mobilizou os militares de Abril, o espírito anticolonialista e antifascista que os animava, era portador de potencialidades de transformação da sociedade portuguesa. Com o 25 de Abril iniciou-se um projecto democrático, participativo, pluralista, de avanço sociopolítico. Projecto democrático pluralista que não pode ser interrompido, nem sofrer o bloqueamento de alianças «restauracionistas» claras ou ocultas, sem graves inconvenientes para o curso político que promove a institucionalização de uma autêntica Democracia. Não esqueçamos a sagaz advertência de António Sérgio: a Democracia é marcha para a Esquerda. É avanço sociopolítico ininterrupto. É a permanência da revolução, do espírito revolucionário, como orientação determinante da política económica, social e cultural. E nem no plano das relações económicas, nem no plano das condições sociais, nem no que respeita aos actos culturais, é possível caminhar e transformar, sem autêntica criatividade, sem impulso inovador, sem vontade revolucionária, sem negar a atitude conservadora, sem contestar todo e qualquer «restauracionismo».

2

«Já temos uma Pátria, que nos havia roubado o despotismo, a timidez, a cobardia, a ignorância que o tinha criado, que se prostrava com vil idolatria ante a obra das suas mãos, acabou. A última hora da tirania souu...»

Almeida Garrett

A

frase de Almeida Garrett é datada do ano de 1821. Reproduzimo-la do opúsculo: «O Dia 24 de Agosto pelo cidadão J.B.S.L.A. Garrett». A corrente democrática em 1820 criou o acontecimento, em 1974 beneficiou do acontecimento. Celebra agora, dez anos decorridos, o acto revolucionário. Celebra o adquirido. Como Garrett relativamente ao resultado do pronunciamento vintista, podemos dizer, recordando e rejeitando a tirania, que: «Já temos uma Pátria...». E, ao afirmá-lo, começam os nossos problemas: Que fazer desta Pátria? Como continuar esta Pátria? Como evitar que, tal como sucedia na vigência do anterior regime, a Pátria seja a «quinta» de uns quantos senhores e para a maioria dos cidadãos um lugar de exílio?

A legião dos desencantados e dos excluídos, vieram juntar-se os milhares e milhares de desempregados, os que trabalham e não são pagos, os que desesperam por obter um primeiro posto de trabalho. Uma situação económica grave, é ainda agravada pela atitude política dos governantes. Em relação aos trabalhadores que não recebem a remuneração do seu trabalho, ou que são lançados no desemprego, a indiferença dos governos ou a repressão das polícias não é resposta consentânea com um regime democrático. E não podemos considerar como correspondendo à esperança de Abril, uma política que repete a prática de «antigamente». A Liberdade política é importante, mas não pode ser invocada para adiar a Justiça, para negar a Fraternidade, para ignorar a Igualdade.

Não existe Liberdade sem segurança económica. Sem salário certo e suficiente não é livre o voto do trabalhador. A Revolução de 25 de Abril prometeu a Justiça e a Fraternidade. Sem Justiça, sem Fraternidade, a Liberdade é um mito político, uma imagem literária, uma referência teórica, um discurso retórico, declamatório, inconsequente.

Daí que importe, sem negativismos irresponsáveis, sem dramatismos dilacerantes, relacionar o adquirido (as conquistas políticas e sociais de Abril) com as dificuldades presentes: políticas, económicas, sociais. Daí que importe fazer das comemorações do décimo aniversário da Revolução de Abril, uma tomada de consciência no sentido de defender Abril, de continuar Abril.

política de A a Z

Liberdade, Igualdade, Fraternidade ou o Mandato de Abril

3

«A primeira lição que a história e a vida nos ensinam é a da transitoriedade dos mitos, dos regimes e sistemas. Mas também da capacidade do homem em melhorar as sociedades. Os homens passam e desaparecem; a Humanidade permanece e marcha.»

Jaime Cortesão

O

regime do «Estado Novo» estava condenado. A História ensina que são transitórios os regimes políticos que não correspondem aos sentimentos e aspirações dos homens. A História ensina que não são eternos os sistemas opressores; que as mentiras e mistificações não perduram. Mas a História ensina, também, que as revoluções políticas, que as mudanças do regime político e mesmo as mudanças do tipo de relações económicas numa sociedade, são mais fáceis e mais rápidas do que a revolução na atitude mental e no comportamento moral dos homens, do que a mudança das mentalidades. Diz-se que a Revolução de 25 de Abril de 1974, foi um acto cultural, mas não realizou a indispensável revolução cultural.

A mentalidade predominante, marcada de egoísmo, de carterismo, de burocratismo resistiu à mudança política, os hábitos e os vícios dos longos anos de menoridade cívica e de luta individualista pela vidinha, permaneceram. As estruturas mentais correspondentes ao «Estado Novo» e características da continuidade desenvolvimentista do senhor Marcelo Caetano e dos seus discípulos, vieram a influir o curso político de Abril. Ao curso revolucionário, detendo-o, ou deformando-o, foi oposto um reformismo, supostamente realista, que sepultou, a um tempo, a revolução possível e a reforma necessária. E caiu-se, em nome do «realismo político», no irrealismo de supor que o 25 de Abril, «acto revolucionário», podia ter sequência (e consequências) no plano político, económico e social, sem verdadeiramente se assumir como uma revolução.

A transição do fascismo de Oliveira Salazar e da «evolução na continuidade» de Marcelo Caetano, para um

regime democrático (aberto, pluralista, participativo) teria que revestir a forma, e a radical autenticidade, de um «processo revolucionário.»

De sua natureza um «processus revolucionário» é contraditório, e não deverá surpreender-nos que nele se cometam erros, desvios e excessos. A dialéctica revolução/contra-revolução é um jogo inevitável. Porém, não será a «contra-revolução» que salvará, de seus erros, desvios e excessos, a «revolução». Novembro não salvou Abril. Apesar de tudo, e de muitos «militares de Abril», a contra-acção de Novembro, se não cerrou as portas que Abril abria, permitiu que por elas passassem os que, inimigos de Abril, se apressaram a converter Novembro no prelúdio do «restauracionismo».

Eanes, triunfador de Novembro, exactamente porque não renegou Abril no seu pessoal entendimento, é, desde que reeleito contra o «restauracionismo» de centro-direita, o homem que a Direita detesta e pretende agora, até ao final do segundo mandato presidencial, reduzir a espectador político.

«Os homens passam e desaparecem» — fica o país, o povo, a concreta história. Mas pelos homens, com os homens, na acção dos homens, se faz a história. E o que importa mais que a crítica de Novembro e que a autocritica de Abril, é comemorar Abril, não para chorar a revolução que foi, mas para, continuando Abril, renovar a revolução e a esperança, reforçar a vontade, dar asas ao sonho.

4

«Que têm feito ou que fazem os políticos?»

Representantes de uma sociedade em crise, enfermam em geral dos mesmos vícios. Continua a ser má a organização partidária da República. Aos partidos falta essencialmente a unidade moral e directiva que advém dos princípios. Os governos, tantas vezes recrutados na mais irrisória das incompetências, iludem quase sempre com expedientes e modificações de superfície muitas das mais sagradas promessas feitas nos bons tempos. Sucodem-se uns aos outros e os problemas da maior urgência continuam insolúveis.»

Jaime Cortesão

E

STE é o quadro. Os «problemas da maior urgência» esperam solução, ou vêem as soluções proteladas, envolvidos que andam os homens políticos nos jogos estratégicos do poder e da carreira política.

Neste décimo aniversário da Revolução de Abril, a crítica de Jaime Cortesão, datada de Novembro de 1921, apresenta uma estranhíssima actualidade. Com efeito, como observava há sessenta anos Jaime Cortesão: «Continua a ser má a organização partidária da República». Daí que, reconhecendo-o, homens políticos e o próprio Presidente da República reifiram que não existe uma prática política que sirva e preencha os vários espaços partidários. Criar novos partidos é uma proposta que não tem encontrado realizadores, mas que permanece e se vai definindo. O «partido de Abril», essa larga frente de defesa da Democracia, terá que se pronunciar nas eleições presidenciais de 1985. Até lá a questão formulada por Jaime Cortesão — «Que têm feito ou que fazem os políticos?» — haverá que responder: Os militares fizeram o 25 de Abril, derrubaram o fascismo, abriram as portas da Democracia, é preciso que os «políticos» (ou alguns «políticos»), as não queiram fechar em nome da «estabilidade» e da «ordem». Nem a «estabilidade», com o desequilíbrio constante e progressivo da situação económica, nem a «ordem» com as dificuldades da vida a crescerem, a generalizarem-se, são valores que possam levar-nos a consentir que a Liberdade seja asfixiada, ou que os mecanismos parlamentares estrangulem a Democracia.

5

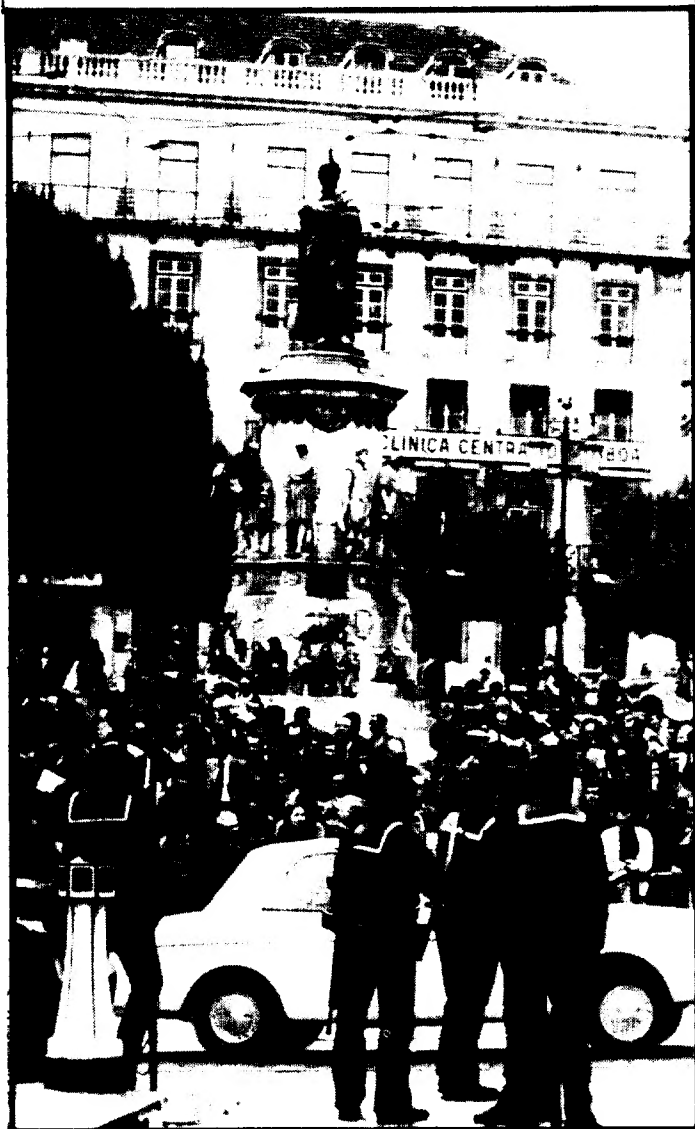
«Todos esses direitos de que a liberdade civil e política se ufana só podem, pois, tornar-se efectivos, deixando de ser teóricos e abstractos, como até aqui por uma realização progressiva das ideias igualitárias. A condição necessária da igualdade dos direitos é a igualdade dos poderes; tanto monta dizer que a liberdade é um ideal inteiramente vão na medida em que não marcha de par com a igualdade. Liberdade e igualdade, assim despidas dos sofismas e dos abusos de pensamento em que as enredam alguns dos seus pretendidos partidários e muitos dos seus inimigos, longe de se nos apresentarem como contraditórias, não são, pois, mais que as duas faces necessárias da mesma inspiração social, do mesmo desejo de criar na Terra, para todos e por todos, uma vida inteiramente humana.»

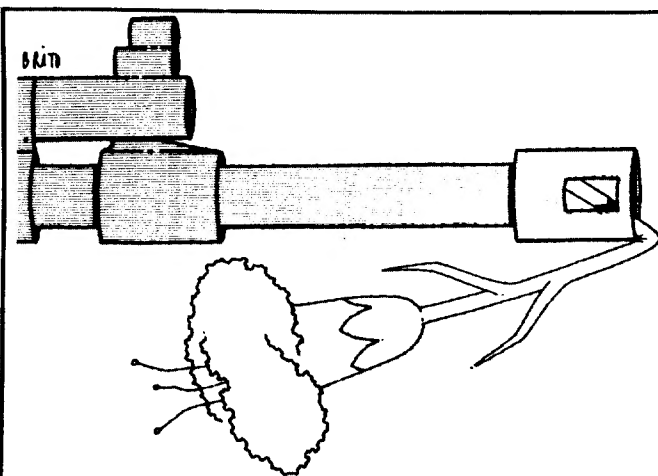
Raul Proença

L

ONGA a transcrição. Que os leitores nos desculpem mas pareceu-nos oportuno, falando de Abril e da Democracia, recordar o que escrevia Raul Proença em 1922. Quantos anos, senhores! Como é lento e difícil o caminhar das ideias. E, todavia, é clara verdade que não é legítimo considerar democrática a situação que consente a desigualdade e a injustiça. Sabemos que a Liberdade é um bem precioso. Sabemos o exercício da cidadania dignifica o homem. Mas sabemos também, como escreveu Raul Proença, que a condição necessária da igualdade de direitos é a igualdade dos poderes. Sabemos que não é livre o trabalhador desempregado, o que não recebe salários, o que não ganha para comer, ter saúde, educar os filhos, o que vive a recear o dia de amanhã.

A dez anos da libertação é urgente, inadiável, concretizar a liberdade, fazer corresponder, à liberdade de direitos a liberdade de poderes para que Portugal — o Portugal de Abril — seja a terra da Fraternidade.





Anemia

Dez anos depois desse 25 de Abril que nos devolveu entre outros valores, um que é supremo — a Liberdade —, talvez seja bom lembrar: a Liberdade está anêmica. Que o digam os trabalhadores ameaçados pelos despedimentos, pelo «lay-off» e pelos «abaixo a greve».

Num País onde, há dez anos, as Forças Armadas tomaram o Poder «pelo povo e pelas suas liberdades», a Liberdade aquém e além-fronteiras deve continuar a ser a cartilha de todos os subscritores de Abril.

Por isso, e perante as ameaças cada vez mais assustadoras que pairam sobre o mundo laboral, não resisto: imprimo aqui uma pequena crónica de um jornalista francês, publicada a 22 de Agosto de 1980 na rubrica «Reveille-Matin» do matutino «Le Martin». Assinada por Arthur, a crónica conta-nos que os «operários de Gdansk têm o direito de discutir livremente, desde que não perturbem a vida política na Polónia».

Continuando, Arthur lembra ainda que «os pescadores franceses têm o direito de fazer greve, desde que não bloqueiem os portos».

Mais adiante, o cronista previne: «Já sabíamos que os trabalhadores da EDF (Companhia de Electricidade de França) têm o direito de paralisar o trabalho, desde que não cortem a electricidade».

Depois dos «factos», as conclusões: «os grevistas de todo o mundo têm pois o direito de se manifestarem livremente desde que não incomodem ninguém. O único prejuízo tolerado é o de poderem prejudicarem-se a si próprios fazendo greve em casa, privando-se assim das alegrias do trabalho».

Tal como na Polónia, na França e em vários países do Mundo, Portugal (ou melhor: uma certa casta de portugueses) parece querer atrelar-se à tendência geral — trabalhadores limitaram-se a trabalhar senão, RUA!

Dez anos depois de Abril, a liberdade está anêmica.

Manuel Anta



Militares de Abril

Muitos passaram á reserva todos entraram na História

Dez anos depois do 25 de Abril vamos comemorá-lo num cenário bizarro. O novo poder apoderou-se desta data histórica, montou uma poderosa máquina de propaganda, usurpou uma festa que é essencialmente popular, que nunca teve nem poderá ter carácter oficial, e organizou umas comemorações «amarelas», despojadas de tudo quanto é verdade histórica daquele acontecimento.

Depois de saneados de postos de chefia das próprias Forças Armadas em muitos casos, os militares que fizeram Abril foram marginalizados, enquanto personalidades que nada tiveram a ver com esse movimento, e apenas dele se aproveitaram, pontificam agora nos lugares chave... em nome de Abril.

Este cenário seria revoltante se não fosse entretanto merecedor de um objectivo que anula a necessidade de quaisquer outros: ridículo.

A falta de imaginação com que tudo isto foi feito continua a ser a mesma. Eles voltaram às mesmas comemorações que faziam dez anos antes. O figurino é o mesmo. Tropas estrangeiras, aviões, bandas de música, ses-

sões bafiantes em teatros e salões, tudo desenquadrado do sentir popular.

Incapazes de vencer Abril e aquilo que ele trouxe, sobretudo ao nível das mentalidades, tentaram apoderar-se dele, um pouco como manda aquela velha máxima que diz que, se não pudessem vencer o teu inimigo, procura aliá-lo a ele. Só que, neste caso, o poder vigente não procurou aliá-lo ao 25 de Abril. Foi toco ao querer apropriar-se dele.

Por todo o País organizaram cerimónias. Tiveram o cuidado de fazer com que as horas coincidissem com tudo o que pudesse nascer da iniciativa popular e dos sectores democráticos portugueses.

Só cometeram um erro: ao lançarem-se nesta ofensiva, a única coisa que confessaram foi que Abril os assustou e os continua a assustar.

Os militares portugueses que fizeram o 25 de Abril e os muitos que se lhes juntaram e continuam a juntar ao longo de todo este difícil percurso, tiveram uma dignidade que a história de nenhum outro país regista: devolveram o poder ao povo quando podiam muito

bem conservá-lo. E porque não o deram a grupos ou personalidades, porque se conservaram sempre fiéis aos seus ideais, porque nada lucraram com a Revolução — antes pelo contrário na maioria dos casos — têm sido vilipendiados e difamados ao longo destes anos.

Ingénuos terão sido. E muito. Mas, se ainda há cidadãos dignos, eles foram os protagonistas dessa dignidade nacional e de um sentido de independência que muitos políticos nunca tiveram ou esqueceram depressa quando receberam o poder de mão beijada, em troca de cheques sem provisões que sucessivamente têm vindo a passar ao eleitorado.

E se, como muitas vezes se invoca, as Forças Armadas são «uma reserva moral da Nação», os militares de Abril souberam interpretá-la da forma mais patriótica.

Este dia é deles e dos milhões de portugueses que foram oprimidos. É das crianças que nasceram livres depois de Abril. A História não pode ser falsificada ou deturpada por muito tempo e muito menos quando é a História dos nossos dias e é observada por

aqueles que a fazem.

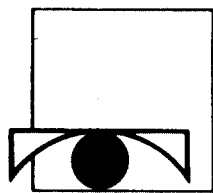
Os militares de Abril foram traídos por muitos, enganados por outros, perseguidos em muitos casos, saneados noutros mas entraram na História deste País, enquanto os seus detractores breve cairão no esquecimento.

Não há contracomemorações que possam alterar estes dados. É a liberdade que se homenageia mesmo quando contra ela se lança a repressão, a hipocrisia e a difamação.

Estes senhores, que «comemoram» Abril contra Abril, procedem como quem espera um atleta que corta a meta vitorioso, despoja-o do seu esquecimento e sobe ao «podium» para receber as medalhas e os aplausos do público em nome deles. O pior é quando o público descobre.

O verdadeiro carácter das «comemorações» oficiais, que os cidadãos mais dignos e prestígio dos repudiaram, está bem expresso na forma como foram organizadas: tiraram-lhes tudo quanto tivesse um sabor a Abril. Nem a música escapou.

Augusto Vilela



CACHAPUZ

MAIS DE MEIO SÉCULO DE EXPERIÊNCIA
— DE FABRICO —

PRÊMIO INTERNACIONAL
DE QUALIDADE

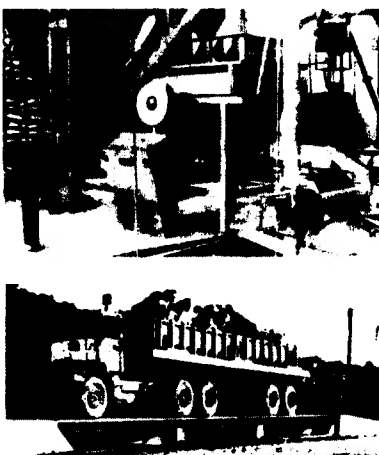
PRÊMIO INTERNACIONAL
À EXPORTAÇÃO

TROFÉU INTERNACIONAL
ÁFRICA

O MAIOR FABRICANTE E EXPORTADOR NACIONAL

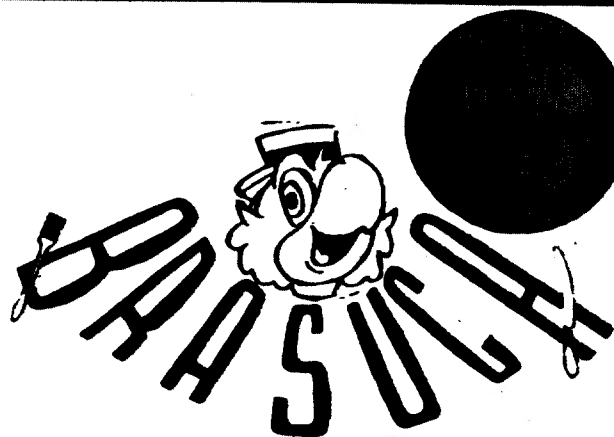
DE BASCULAS E BALANÇAS
DE TODOS OS TIPOS PARA:

- INDÚSTRIA
- AGRICULTURA
- PECUÁRIA
- PESCAS
- MINAS



JOSÉ DUARTE RODRIGUES, LDA.

APARTADO 12 — 4701 BRAGA — CODEX TELEX 32125 CAXPUZ P
TELEF. 736 04 - 736 06 - 736 24



O RESTAURANTE
QUE FALTAVA
EM LISBOA

COZINHA
BRASILEIRA
PORTUGUESA
E OUTRAS

EXCELENTE LOCAL PARA COMEMORAÇÕES
FESTAS SOCIAIS E FAMILIARES, ENCONTROS, ETC.

RUA JOÃO PEREIRA DA ROSA, 7

Tel: 32 85 42

Constituição da República**A memória de Abril no texto da lei**

«Portugal é uma República soberana, baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular e empenhada na sua transformação numa sociedade sem classes». É assim que desde 1976 começa a Constituição da República, que entrou em vigor faz hoje precisamente oito anos.

Sendo a terceira das Leis Fundamentais que os portugueses criaram neste século, o que é que ela representa hoje, sendo como é um documento polémico, contestado, exaltado, criticado, bandeira de alguns, pesadelo de outros?

Em grande parte e apesar da revisão de 1982, a memória possível do nosso Abril.

Dez anos depois da revolução, a transformação de Portugal numa sociedade sem classes é ainda objectivo constitucional.

Tal como o socialismo, embora este se alcance agora mediante «a realização da democracia económica, social e cultural e o aprofundamento da democracia participativa», depois de se ter deixado «cair» o «exercício democrático do poder pelas classes trabalhadoras».

É nela também que, longe das inspirações atlantistas e pró-atlânticas de Soares (e de Eanes) se afirma que «Portugal preconiza a abolição de todas as formas de imperialismo, colonialismo e agressão, o desarmamento geral, simultâneo e controlado, dissolução dos blocos político-militares».

Ou, pese embora a praga dos salários em atraso, ou as desnacionalizações que se avizinhavam, é também a Constituição que comete ao Estado a tarefa de promover a «socialização dos principais meios de produção» e a abolição da «exploração e a opressão do homem pelo homem».



Partidos e MFA na Constituinte

Há dois ou três anos, um dinamizador dizia que tinha de «repensar» o que sabia do nosso país militante e solidário nos anos de 74/75, voltava a Portugal em peregrinação de saudade convencido que à parte a miséria, este era um país normalizado pelos padrões ocidentais.

Ao ler a Constituição não pode deixar de se supor novamente embalado ao som do «povo unido nunca mais será vencido...»

Mera suposição, claro, que bem sabemos como longe vão esses anos.

Mas a verdade é que deles a Constituição guardou a memória principalmente nas suas disposições programáticas, aprovada depois dos rigores frios de Novembro, o seu registo é o dos

calores do Verão.

Logo no Preâmbulo se saúda o MFA para depois se afirmar que «Libertar Portugal da ditadura, da opressão e do colonialismo representou uma transformação

revolucionária e o início de uma viragem histórica na sociedade portuguesa».

Grande parte dos trezentos artigos que se seguem são o desenvolvimento do sentido da viragem.

Provavelmente em pouco do que aí fica dito podemos reconhecer o nosso presente. Mas podemos dizer com orgulho que temos a Constituição mais progressista do mundo.

E nem a revisão constitucional com afã levada a cabo em 1982, deixou cair no esquecimento o que aqui se tinha construído. Ainda agora se impõe a subordinação do poder económico ao poder político, se consagra o princípio da apropriação colectiva dos principais meios de produção, a luta antimonopolista

a reforma agrária, a participação dos trabalhadores e a irreversibilidade das nacionalizações.

Provavelmente uma caricatura do nosso quotidiano. Mas nem os áridos textos jurídicos conseguem escapar ao sonho de todo um povo.

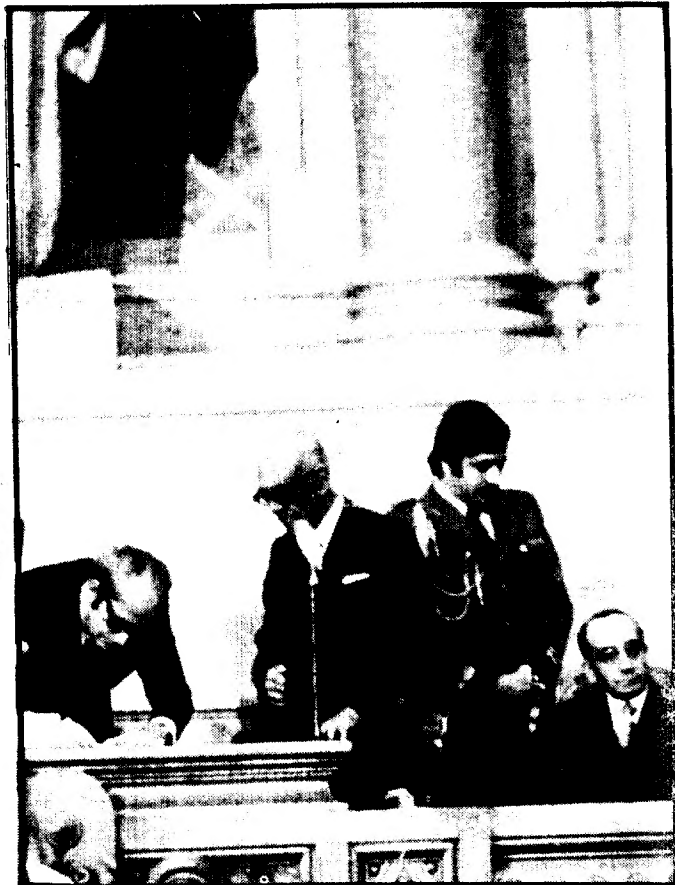
Em termos de eficácia, outras disposições da Lei Fundamental, merecem atenção e determinam os contornos do país que se organiza.

Com efeito, os direitos, liberdades e garantias fundamentais constituem uma das pedras angulares da Constituição de Abril, com uma extensão e um rigor pouco vulgares. Conjunto de normas de aplicação imediata, que nos integra numa comunidade de povos que se proclamam livres, aperfeiçoando durante a revisão de 1982, quase sempre votado por unanimidade.

Aí, talvez mais que na ideologia, se encontra um património inestimável que sublinha a supremacia do cidadão livre, e do povo soberano que o MFA prometeu no primeiro dos seus três D's — democratizar. E que salvo questões que se têm de considerar de pormenor, merece o consenso dos partidos, e o apoio dos portugueses.

O resto da Constituição é a organização do exercício do poder. Mais dependente das conjunturas, divide mais do que une.

Se a instalação do poder local democrático faz das autarquias a escola da democracia participada por vezes, também o lugar onde proliferam o caciquismo e a corrupção nessas matérias um amplo consenso, as formas concretas de exercício do poder político, nos Terreiros do Paço de Lisboa, já são motivo de permanentes polémicas.



Costa Gomes assina a Constituição de 1976

Mas isso tem que ver com quem se senta nas cadeiras do poder. Se a revisão de 1982 alterou o estatuto do Presidente da República, foi porque Eanes teve de pagar a factura, depois de demitir Soares, despedir Mota Pinto e hostilizar a AD.

E porque no horizonte próximo se perfila a sua substituição por

um líder partidário, apoiado numa maioria parlamentar.

Mas isso é o transitório. O que retemos é a história de Abril e as liberdades de Abril. E essas estão na Constituição de Abril.

José Manuel Vilaça

AGROPROMOTORA**Cooperar e desenvolver****ÁREAS DE TRABALHO**

AGRICULTURA • PECUÁRIA • INDÚSTRIA ALIMENTAR • PLANOS DIRECTORES DO SECTOR PRIMÁRIO • ANÁLISE DA VIABILIDADE TÉCNICA-ECONÓMICA DOS INVESTIMENTOS • PROJECTA E IMPLEMENTA

ENTIDADES

COOPERATIVAS • AUTARQUIAS
OUTRAS EMPRESAS

PAÍSES AFRICANOS

REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE

REPÚBLICA POPULAR DEMOCRÁTICA
DA ARGÉLIA



**COOPERATIVA PRODUTORA
DE PROJECTOS AGRÍCOLAS SCRL**

Rua Cardeal Mercier, 29-1.º Lisboa

☎ 73 51 35

**CADERNOS E GUIA
DO TERCEIRO MUNDO**
FAÇA A SUA ASSINATURA
E POUPE 500\$00 NUM ANO

12 números 650\$00 / 6 números 400\$00



ÁFRICA AUSTRAL
Nº 65 ESPECIAL
SOBRE A UNIDADE NO PENSAMENTO DE AMILCAR CABRAL
Sérgio Ribeiro
Carlos Gil

colecção
terceiro mundo

NOVO LANÇAMENTO
A MONTANHA É ALGO MAIS DO QUE UMA IMENSA ESTEPE VERDE
(Prémio Casa das Américas/1982)

Tricontinental Editora, Ld.ª
Calçada do Combro, 10-1.º
1200 Lisboa — PORTUGAL

CDL-Central Distribuidora Livreira, SARL
Av. Santos Dumont, 57 — 1000 Lisboa



Braga registou um surto de construção que, para muita gente, é alarmante. Muitas dúvidas sobre a gestão municipal surgiram a partir dos processos respectivos...

O (cada

«Há câmaras que, com menos verbas, tem feito mais que muitos ministérios» — dizia, há ainda pouco tempo, a secretária de Estado da Administração Autárquica, em visita oficial ao concelho de Odemira. Estas palavras surgem numa altura em que a vida das autarquias se apresenta perturbada: por um lado, inquéritos pendentes apesar de terminados; por outro, aquilo que reconhecidamente é tido como uma tentativa de o Governo agarrar as rédeas do Poder Local.

E nem admira que assim seja, como nos dizia, não há muito tempo, um especialista em questões autárquicas. A situação herdada a 25 de Abril caracterizava-se por um perfeito domínio do Terreiro do Paço sobre a generalidade dos chafarizes nacionais. Eram os regedores escolhidos a dedo, eram os presidentes das câmaras, escolhidos por virtudes essencialmente de submissão ao regime fascista.

O regresso dos ministérios à tentativa de usarem as autarquias para obras que não conseguiram fazer torna-se, pois pouco, estranha.

Como se tornam evidentes os objectivos quando se preparou o diploma legal de tutela técnico-administrativa sobre o Poder Local que concede largos poderes ao Ministério da Administração Interna.

«Porquê alargar os poderes de intervenção governamentais na dissolução de câmaras quando os sucessivos governos têm sido tão parcimoniosos em dissoluções que pareciam inevitáveis?» — interrogava (-nos) o mesmo técnico.

A corrupção, ou pelo menos processos pouco claros, tornou-se um dos grandes motivos de denúncia, ao longo dos últimos anos, relativamente à actuação de muitos autarcas. Ainda recentemente um presidente de Câmara foi condenado em Trás-os-Montes; um membro de uma junta acaba de confessar o desvio de mais de um milhar de contos.

Poder Local: meio caminho andado, querem pôr-lhe a coleira do Terreiro do Paço

Apesar disso, o Governo não tem actuado na prática, como devia e até parecia inevitável. As irregularidades em câmaras municipais rondavam, recentemente, cerca de duas dezenas, mas os processos não avançavam.

Alianças políticas

O jogo das alianças políticas parece nesse domínio ser o grande responsável. O caso da Câmara de Braga aparece, nesse contexto, como um exemplo a reter. Ou os de Celorico da Beira e de Penafiel, que sob um Governo AD, se tornaram fulcros de interacções políticas: um tinha presidente do CDS, outro do PSD.

A situação parece longe de ter sofrido alteração após a vitória dos socialistas nas últimas legislativas, com a formação de um «bloco central». São cada vez mais evidentes alianças sob esta nova fórmula, particularmente nos concelhos de maior importância económica e (ou) de maior peso político.

A resolução dos problemas torna-se, assim, completamente secundária, muitas vezes com tração notória aos objectivos enunciados na propaganda eleitoral, profusamente distribuída, quase sempre impressa sob a vigilância tutelar de uma fotografia do candidato a presidente da câmara.

Ou, ainda, o jogo de alianças copiado do Governo torna-se o suporte de guerrilhas no interior de câmaras, que acabam, ou não, por cair. Damos exemplos, só para fortalecer: o PS que condenara o projecto do Alto do Lumiar, em Lisboa, viabilizou-o ao abster-se perante os votos

Nós somos a ponte

A ponte entre a Velha Europa e a África Nova,
entre lugares onde se fala português.
Nós conhecemos Portugal
e a nossa terra é Angola.
Somos a ligação necessária.
Novos como o país, crescemos ao ritmo
da riqueza tropical
em direcção ao futuro.
Passageiros e carga,
nós somos a ponte,
a ponte segura,
porque o queremos ser.
Escolha-nos.

TAA
LINHAS AÉREAS
DE ANGOLA

vez menos) Poder Local

favoráveis de uma maioria AD; a Câmara de Marco de Canaveses caiu por força da resignação dos eleitos PS/PSD (e o CDS saiu reforçado); movimentações deste tipo verificam-se em Loures e na Amadora.

São registos meramente a título de exemplo.

Um outro mundo

«Um outro mundo dentro do país» — são ainda palavras que remetemos da visita da mesma secretária de Estado ao conceito de Odemira. E fazemo-lo pela insuspeição de que se revestem, numa altura em que se concretiza uma ofensiva a nível de legislação, com claros reflexos sobre os poderes e os deveres do Poder Local.

A consagração das autarquias, antes e ser feita constitucionalmente, como pilar do «mundo novo» surgido há dez anos, concretizou-se na prática, quase como o próprio movimento popular do 25 de Abril. Grupos houve que «arrebata-ram» as autarquias das mãos que lhes ditavam os destinos. Foram movimentações anónimas que, geralmente, fizeram ocupar espaços para jardins, lhes construíram os brinquedose acabaram por alindá-los.

Foi, ainda, uma força difícilmente localizável que impôs a mobilização de máquinas para abrir valas de saneamento básico; ou que trouxe algumas, poucas, alternativas em termos de habitação; ou que abriu perspectivas novas a cidades, vilas e aldeias, com estradas, luz, às vezes simplesmente uma escola ou um cemitério.

Os exemplos também não são poucos; elogia-se a limpeza de Évora e outras virtudes; nas grandes zonas de desenvolvimento urbano, onde as infra-estruturas habitacionais eram deixadas a meio, foi preciso terminá-las, muitas vezes legalizar, com que o que isso implica, quase vilas inteiras. E a Brandoa, ninguém a esquece...

Cumprir a lei

Passado o período de euforia popular (já esfriado com o 25 de Novembro...), veio a sedimentação do Poder (local e popular), então sob a forma de leis, a consagração, embora incompleta, de uma forma de gestão que dera (dava) provas.

A Lei das Finanças Locais, como rapidamente passou a ser conhecida, abria caminhos novos a quantos autarcas pensavam ser possível desenvolver, localmente, por iniciativas próprias, as suas terras.

As expectativas rapidamente se desvaneciam: sucessivos Governos (PS sozinho e acompanhado, AD completa ou em «part-time») faziam tábua rasa dos 18 por cento do Orçamento Geral do Estado que deveriam ser canalizados para as autarquias. E, desde sempre, o que chegava aos cofres dos municípios por esse país fora, se cifrava em metade do que fora aprovado na Assembleia da República.

O motivo não poderia ser mais risível: a falta de capacidade do Poder Local para poder aplicar correctamente as verbas que receberia.

Assim, as Câmaras de todo o

país foram desapossadas de milhões e milhões de contos, ao longo destes últimos sete anos. Muitas delas chegaram a uma situação em que não podem, neste ano de 1984, lançar novos empreendimentos. No máximo, terão de ater-se a completar quanto já estava em curso. E algumas há que nem solvência têm para pagamento a funcionários.

O chamado «pacote autárquico», de autoria PS/PSD apresenta-se, para quase todos os autarcas, como mais uma ameaça. Todos temem uma descentralização de competências que não será acompanhada de verbas; os despedimentos a que serão obrigados; a tutela técnico-administrativa que dá a taca e o queijo ao Governo; o aumento de poderes dos presidentes de Câmaras com diminuição do leque de forças partidárias que terão assento nos órgãos municipais e de freguesia.

Será que o Poder Local está mesmo ameaçado, sufocado, diminuído, quando se comemoram os dez anos sobre a Revolução que entre nós, lhe deu verdadeiro sentido?

É impossível dizer, para já. Mas, como nos dizia há alguns meses um autarca de Águeda, a indiferença do Governo, ditada por razões políticas, relativamente a tantos casos de corrupção e má gestão autárquica, representa uma verdadeira ameaça para a democracia.

Onde se encontram as citadas palavras da secretária de Estado com esta realidade indelével? O tempo o dirá, certamente...

Rogério Vidigal



A recuperação de Évora histórica foi uma constante nos últimos anos. Mas uma grande parte das actividades municipais, por esse país fora, ficam pura e simplesmente «enterradas» sob a forma de obras de saneamento básico

a Grundig gosta de dar!

Porque em cada televisor a Grundig dá-lhe:

- A experiência de uma grande marca
- Investigação tecnológica permanente
- Assistência Técnica dinâmica

Porque tem o orgulho de comemorar 30 anos de prestígio em Portugal, a Grundig dá-lhe ainda um cheque aniversário a descontar no acto da compra do seu Grundig a cores. Para que você tenha o melhor... a Grundig gosta de dar.

Compre Grundig. É o investimento mais seguro.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome

CHEQUE ANIVERSÁRIO

30 ANOS
GRUNDIG
1954-1984

Descontar por este cheque em qualquer loja de eletrodomésticos Grundig a cores, de qualquer modelo.

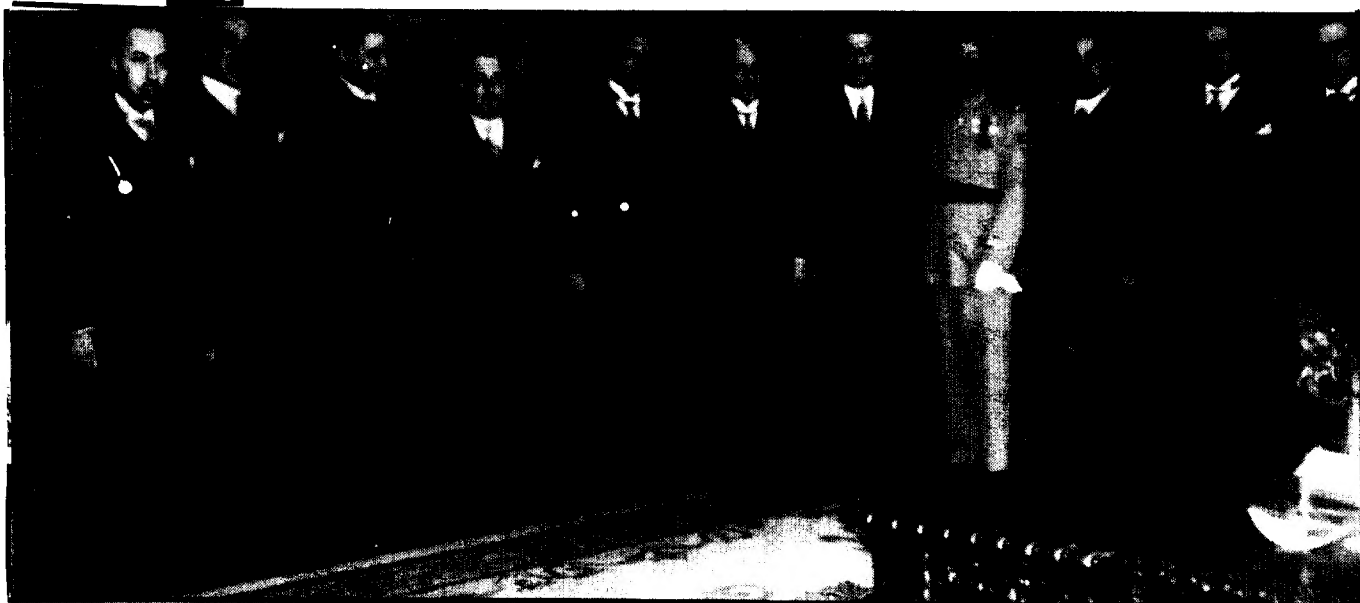
Atenção: este cheque só pode ser descontado num Agente Grundig e só é válido na compra de apenas 1 Televisor Grundig a cores, de qualquer modelo.

NR NACIONAL RADIO S.A.R.L.

FRUZ - QUELHAS

SGO SANTOS, GUIMARAES + OLIVEIRA S.A.R.L.

PORTO



A 11 de Abril de 1933 tomou posse o «primeiro governo constitucional» do Estado Novo, presidido por Oliveira Salazar. O regime saído do 28 de Maio de 1926 caminhava para a «estabilização». Era o princípio da «mais velha ditadura» do mundo que caiu, quatro décadas depois, em apenas 18 horas

Uma ditadura de 48 anos derrubada em 18 horas

Eram 2 horas e 25 da madrugada do dia 25 de Abril de 1974 quando «Grândola, Vila Morena», da autoria de Zeca Afonso, «foi para o ar» no programa Limite da Rádio Renascença. A partir desse momento, «Grândola», gravada três anos antes em França, transformou-se na «senha» para o início das operações que, em cerca de 18 horas, derrubaram a ditadura de 48 anos. O primeiro sinal para «os capitães de Abril» tinha já sido dado quando, às 22 e 55 do dia 24, o locutor João Paulo Diniz pôs no ar «E Depois do Adeus», interpretada por Paulo de Carvalho e que tinha ganho o Festival da RTP desse ano.

Quatro anos depois, o 25 de Abril foi designado «Dia da Liberdade», através de um decreto-lei no qual se proclamava que ele «representa a libertação de Portugal e do povo português da feroz repressão de um regime totalitário e antidemocrático e o começo de um tempo novo, que restitui aos portugueses a liberdade e a democracia. Qual foi o início desse «tempo novo»? Para os «esquecidos», recordamos aqui, sob a forma de uma breve cronologia, os factos que preencheram o primeiro dia da Revolução de Abril.

Movimentos em unidades militares, designadamente da Escola Prática da Cavalaria de Santarém, cujo comandante foi preso, e a ocupação de todos os pontos vitais de Lisboa (Aeroporto, Rádio Clube Português, Emissora Nacional, RTP e Rádio Marconi) foram as operações desencadeadas entre o lançamento da «senha» e a leitura às 4 e 20, no Rádio Clube Português, do primeiro comunicado do MFA. «Aqui posto de comando do Movimento das Forças Armadas» foi a nota de chamada do comunicado que acrescentava: «As Forças Armadas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa no sentido de recolherem a suas casas, nas quais se devem conservar com a máxima calma.

«Esperamos sinceramente, que a gravidade da hora que vivemos não seja tristemente assinalada por qualquer acidente pessoal para o que apelamos para o bom senso do comando das forças militarizadas no sentido de serem evitados quaisquer confrontos com as Forças Armadas», advertia-se no comunicado, no qual se apelava ainda à compreensão dos médicos nos Hospitais.

Entre as 6 e 45 e as 8 e 20 da manhã apertou-se o cerco militar a Lisboa, com baterias assediadas no morro do Cristo-Rei e multiplicaram-se os comunicados do MFA, até que às 8 e 20 foi lido, pela Emissora Nacional, o comunicado dos «Capitães de Abril». Ao fim da manhã, o Quartel do Carmo, onde se encontrava Marcelo Caetano, foi cercado por uma coluna militar comandada pelo capitão Salgueiro Maia. Por volta das 17 e 45, o general António de Spínola chegou ao Largo do Carmo para receber a rendição de Marcelo Caetano.

Cerca das 20 e 50 o MFA, que desde a manhã levava por diante, com escassa resistência das forças fiéis ao regime, os seus objectivos, pôde anunciar que o almirante Américo Tomás

tinha sido transportado do Regimento de Lanceiros 2 para as instalações da polícia da Força Aérea em Monsanto e que Marcelo Caetano iria proceder à transferência do poder para o general António Spínola.

Programa do MFA

A leitura do programa do MFA ao princípio da manhã do 25 de Abril dissipou as dúvidas que os comunicados transmitidos durante a madrugada tinham levantado quanto à natureza das operações em curso. De imediato, foram muitos os que saíram para a rua apoiando, com a sua presença maciça, as tropas revoltosas.

A libertação dos presos políticos e a extinção dos órgãos repressivos da ditadura, particularmente da PIDE e da Legião e dos serviços de censura à Imprensa, paralelamente à demissão do Presidente da República, do Governo e dos governadores civis, foram as medidas imediatas do programa que mais entusiástico aplauso despertaram.

Nas medidas classificadas «a curto prazo» o programa do MFA incluía as que asseguravam a liberdade de reunião e de associação, que quase de imediato daria origem aos primeiros partidos políticos que se constituíram e ao surgimento legal do PCP e do PS, já existentes na clandestinidade.

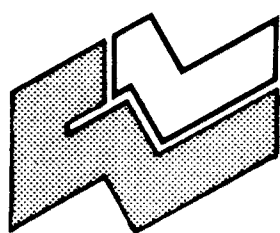
Era também garantida a liberdade de expressão e de pensamento, a independência e dignificação do poder judicial, a extinção dos «Tribunais especiais» e a passagem ao foro dos Tribunais ordinários dos processos relativos a crimes contra o Estado cometidos no Novo Regime.

A determinação de que o problema ultramarino seria abordado em «debate franco e aberto» a nível nacional e os propósitos de lançamento dos «fundamentos de uma política ultramarina que conduza à paz» concluída o capítulo das medidas de fundo contidas no programa.

A nível internacional, a declaração expressa de que Portugal continuaria honrando os seus compromissos internacionais seria provavelmente a mais tranquilizante.

Sobre esse tema, explicitava o programa que «o governo provisório orientar-se-á em matéria de política externa pelos princípios da independência e da igualdade entre os Estados, da não ingerência nos assuntos internos dos outros países e da defesa da paz, alargando e diversificando relações internacionais, com base na amizade e cooperação.

Na sua última parte, o texto do programa incluía um apelo à população no sentido de colaborar na criação de condições necessárias «à definição, a curto prazo, de uma política que conduza à solução dos graves problemas nacionais e à harmonia, progresso e justiça social, indispensáveis ao saneamento da nossa vida pública e à obtenção do lugar a que Portugal tem direito entre as Nações.



UMA CÂMARA QUE CONSTRÓI O FUTURO

ORÇAMENTO PARA 1984 1 906 737 contos

PRINCIPAIS VERBAS PROGRAMADAS

- Obras e Urbanização 335 150 contos
- Instrução 193 050 contos
 - 66 novas salas de aula
- Serviços Municipalizados de Habitação 143 370 contos
 - Construção de 72 fogos
 - Construção e montagem de casas pré-fabricadas
 - Melhoramentos em bairros degradados
- Cultura, Desporto, Recreio e Juventude 21 120 contos
- Higiene e Meio Ambiente 91 450 contos



MUNICÍPIO DE LOURES
CÂMARA MUNICIPAL

UM MUNICÍPIO QUE CONTINUA ABRIL

Dez anos depois continuam a morrer antigos combatentes

Associação dos Deficientes das Forças Armadas apostada em "escalpelizar" a guerra colonial

Ao completar dez anos, de um percurso pautado de escolhos e de divisões criadas no seu seio, a Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA), acaba de anunciar a criação de um Centro de Documentação e Informação (CDI), empenhado sobretudo na «escalpelização da guerra colonial». O CDI, de acordo com o actual presidente da ADFA, major Lopes Dias, tentará analisar documentos ou testemunhos, quer do Exército português quer dos movimentos de libertação, e procurará reunir todas as informações sobre o colonialismo português desde a época dos descobrimentos até à independência dos novos países africanos de expressão lusa.

PARA Lopes Dias, a sociedade portuguesa «continua com o trauma do sebastianismo porque não assumiu o sebastianismo», não sendo justo, e daí o empenhamento da ADFA ao incrementar um amplo debate sobre o problema, «que venha a assumir idêntico procedimento em relação à guerra colonial».

Num documento que a ADFA está a organizar sobre «as consequências da guerra colonial «pode ler-se que, em fins de 1973, o Exército português tinha uma percentagem de 32 por cento entre compelidos, refractários e desertores. «Tudo se encaminhava — refere o documento — para o final trágico do holocausto, mas tal não aconteceria porque a lucidez sobrepôs-se à miopia histórica e, em 25 de Abril, as Forças Armadas Portuguesas, libertando-se, libertaram uma nação de um jugo tirano e opressor».

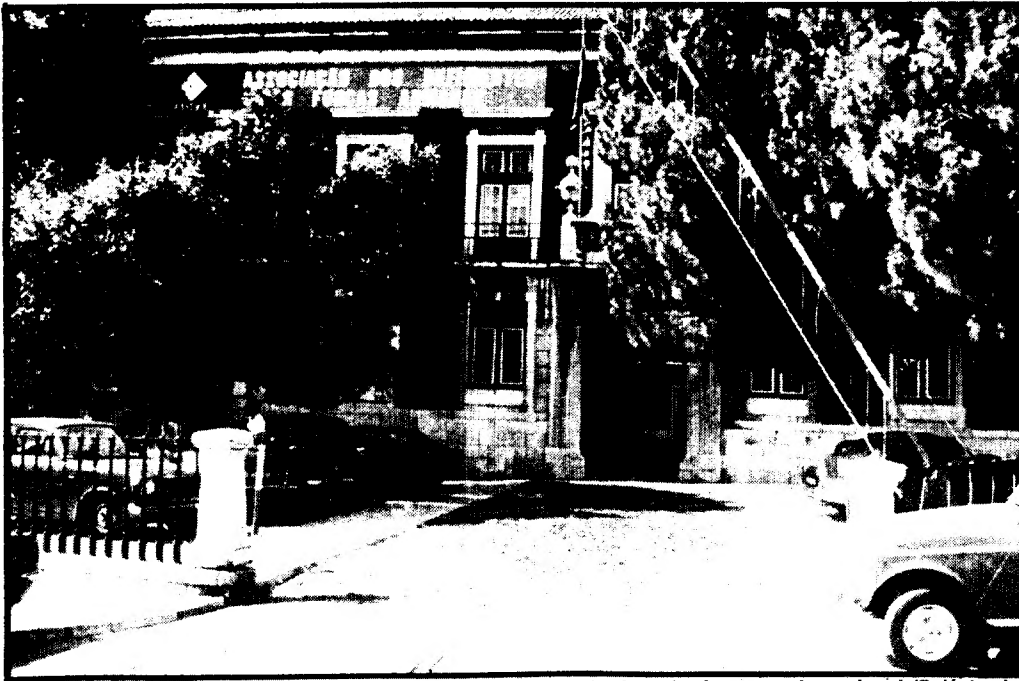
O documento revela depois que, em Abril de 1974, havia no Exército cerca de 25 mil processos de soldados evacuados, dez por cento dos quais «iriam morrer

ou tinham morrido um mês depois da sua evacuação». No entanto «existem ainda centenas de milhares de jovens que regressaram sem mazelas ou defeitos, mas hoje, volvidos dez, quinze, vinte anos, tudo para eles se começa a complicar e a vida termina mais cedo».

A finalizar, o documento estima em cerca de onze mil mortos e trinta mil feridos o balanço de treze anos de guerra colonial. Dos mortos, 93,5 por cento tinham menos de 25 anos, 85,8 por cento eram soldados, 15,1 por cento deixaram viúvas, 78,8 por cento tinham filhos, 91,3 por cento dos mortos e 92 por cento dos feridos pertenciam ao Exército.

Major Calvino vai regressar

Mas tal como escrevemos no princípio, continua a não ser passiva a vida da ADFA, não só devido aos problemas que lhe foram criados pelo poder saído do 25 de Novembro como sobretudo face às clivagens surgidas entre os



Criada em Novembro de 1974, a ADFA continua ameaçada de despejo da sua sede nacional (Palácio da Independência, ao Rossio).

seus membros, agudizadas com o abandono de função do seu sócio n.º 1, e primeiro presidente, o agora major António Calvino.

Pressionado pela hierarquia, que lhe dificultou até aos limites do possível a sua promoção, e hostilizado e desmobilizado pelas lutas internas no seio da organização, o major Calvino (pré-candidato às últimas eleições presidenciais) acabou por se desligar

quase completamente dos destinos da ADFA. A direcção que lhe sucedeu chegou a mover uma perseguição, mal disfarçada, aos seus colaboradores mais directos, acabando mesmo por promover ao encerramento da Codefa (cooperativa de consumo por eles dinamizada).

Ultimamente tem-se, no entanto, assistido a uma tentativa de

aproximação entre as duas correntes mais fortes em confronto, sendo possível, ao que apuramos, o regresso para breve, e em força, daquele que é sem dúvida o «leader» carismático dos deficientes militares portugueses.

Outro dos mais graves problemas com que se bate a ADFA, prende-se com as várias tentativas já levadas a cabo para a de-

salajar do Palácio da Independência (ao Largo de S. Domingos), de forma a entregá-lo ao Centro das Comunidades Luso-Brasileiras, uma organização com fortes laços ao antigamente, como o demonstra a cedência do edifício (sua propriedade nos tempos de Salazar) à Mocidade Portuguesa. A este propósito escreveu o «Elo» (jornal da ADFA): «Aqui, antes do 25 de Abril, se ministrou à juventude portuguesa o vírus do fascismo que havia de manter todo um povo no mais refinado obscurantismo, aqui se forjaram os «SS», que nos amordaçaram o corpo e nos marcaram a alma, aqui se construíram os «heróis» da opressão colonial. Aqui, desde Novembro de 1974, estamos nós, deficientes das Forças Armadas, sentindo na alma e no corpo as vergastadas dos carrascos de 48 anos, aqui estamos nós empenhados em destruir todo o mobiliário de ódio que ornamentava estas paredes, testemunhas impassíveis de crimes que clamam por julgamento, aqui queremos trabalhar na reconstrução de um Portugal livre e democrático, pois só assim haverá uma perfeita política de reintegração dos marginalizados».

Comentando as várias tentativas de despejo da ADFA, disse-nos António Calvino: «Querem voltar a esconder-nos dos olhos do povo que somos». Será que nós Povo português, não deficiente, o iremos permitir? O 25 de Abril não nos perdoará!...

Manuel Geraldo

HORÁRIOS DE VERÃO

30 de MARÇO – 31 de OUTUBRO

Lisboa – Moscovo – Lisboa			
SU 236		SU 235	
Quartas e sextas		terças e quintas	
LISBOA	↓ 10.40	LISBOA	↑ 13.45
MOSCOVO	↓ 20.55	MOSCOVO	↑ 09.15

NOTA – TODOS OS TEMPOS EXPRESSOS EM HORAS LOCAIS

A AEROFLOT convida-o a visitar a URSS no Verão, integrado nos grupos de turistas

Contacte o escritório da AEROFLOT e agências de viagens

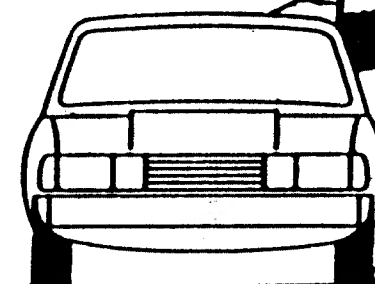
АЭРОФЛОТ
Soviet airlines
Telef. 561296/87 LISBOA

Auto-Rádios e Anti-Roubo Philips

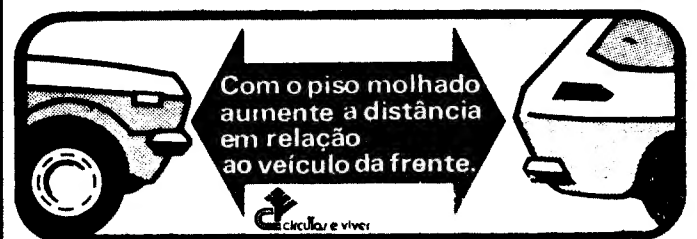
Cetra

CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, S.A.R.L.

CONCESSIONÁRIO PHILIPS PARA INSTALAÇÃO DE AUTO-RÁDIOS



R. Cidade de Bolama, 1-B – R. Cidade de Bissau – Olivais Sul – 1800 LISBOA
Telefs. 33 10 22 – 31 72 73 – 33 37 07



Com o piso molhado aumenta a distância em relação ao veículo da frente.

circular e viver



A Imprensa no dia 25 de Abril

Dos jornais diários que se publicaram em Lisboa no dia 25 de Abril de 1974, apenas o «Diário de Notícias» e a «Época» guardaram cauteloso silêncio sobre a movimentação militar.

Os títulos de primeira página destes dois jornais, surgidos nas bancas quando o derrube do governo de Marcelo Caetano era um facto praticamente consumado, eram, aliás, bastante curiosos.

O «DN» abria a sua edição do dia com um título retirado de uma alocução do secretário provincial (de Angola) do Planeamento e Finanças, Walter Marques, segundo o qual o «milagre de Angola» era exemplificado desta forma: «o exercício de 1973 fechou com um saldo de quase 600 mil contos».

Quando ao resto, a primeira página deste matutino era preenchida com títulos sobre a campanha eleitoral em França, um escândalo com uma carta atribuída a Harold Wilson, o afastamento do Sporting da Taça das Taças ao perder por 1-2, com o Magdeburgo, o vigésimo sexto aniversário da independência de Israel e uma crónica de Agustina Bessa Luis com o título «O Mistério da Morte».

Quando ao jornal «Época» ficou-se, no dia 25, por títulos sobre o colóquio promovido pela ANP a propósito de Cabora Bassa e por um aviso aos leitores, segundo o qual, «a partir de 1 de Maio sobrescrito sem dimensões mínimas não segue».

Outro título com honras de primeira página do matutino

prendia-se com o combate à praga do piolho do trigo e dizia que «o governo suporta o encargo de metade do custo dos tratamentos».

Pertenceu ao «Século» a tarefa de honrar os matutinos de Lisboa, fazendo nada mais nada menos de cinco edições ao longo do dia 25 de Abril.

A segunda saiu às 5 e 30 e titulava em caixa no canto superior direito da primeira página: «ocupadas por militares algumas estações emissoras», dando conta de estar em curso, a essa hora, a reacção oficial.

As 11 horas, uma terceira edição noticiava que o «Movimento das Forças Armadas desencadeou uma acção militar para deposição do regime político».

A quarta edição surgiu às 16 e 30 e titulava em primeira página: «O Movimento das Forças Armadas ocupa as posições vitais e anuncia uma proclamação ao país».

As 22 e 30, a quinta e última edição do «Século» anunciava: «concretizada a queda do governo — anuncia o movimento militar» e «rendição incondicional do prof. Marcelo Caetano ao general António de Spínola».

Quando ao almirante Tomás e alguns ex-ministros, esses encontravam-se, segundo o «Século» «refugiados em dois aquartelamentos».

«Não foi visado pela censura»

Os vespertinos, com a vantagem de saírem para as bancas com o movimento em fase muito

adiantada, tiveram hipóteses de fazer a festa de outra maneira.

«A Capital» enchia a sua primeira página apenas com um título, cujas dimensões para mais não deixava espaço: «Golpe Militar-Movimento das Forças Armadas desencadeia acção de madrugada».

O «Diário de Lisboa» publicava, na sua página nobre, os três primeiros comunicados do MFA e os títulos «O General Spínola no Poder» e «o cerco ao Quartel do Carmo — O presidente do Conselho e membros do Governo entregam-se às Forças Armadas».

O «Diário Popular» ilustrava a primeira página com uma fotografia da movimentação de blindados na rua do Arsenal, afirmando em títulos: «Amplio movimento de Forças Armadas», «Comunicado dos sublevados às 11 e 50 — pede-se o encerramento de todos os estabelecimentos comerciais de contrário será imposto o recolher obrigatório», «Destino desconhecido do Chefe do Estado e dos membros do Governo», e ainda «O Banco Central e os organismos bancários encontram-se encerrados em consequência do presente condicionalismo».

Quando ao «República», os seus títulos não diferiam significativamente dos publicados pelos outros diários.

A curiosidade residia no facto de, em 25 de Abril de 1974, o rodapé da sua primeira página trazer um misto de anúncio, aviso e notícia inédita: «Este jornal não foi visado por qualquer comissão de censura».

Dez anos após o 25 de Abril

Reformados passam fome

A esmagadora maioria dos reformados, pensionistas e idosos deste país, que representam mais de 20 por cento da população nacional, com o sucessivo agravamento da crise, enfrentam hoje uma verdadeira situação de miséria. Em condições de vida sub-humanas (carecida de tudo o que é fundamental à sobrevivência) esta camada social tem desde 1976 vindo a ser marginalizada pelos governos, a ponto de neste momento as pensões terem descido a níveis inferiores aos vigentes nos piores anos do fascismo.

Com o 25 de Abril, foi criada a pensão mínima e fixado o seu valor em metade do salário mínimo nacional. Volvidos dez anos, é actualmente de cerca de um terço daquele salário. Para melhor se compreenderem os motivos que levaram a esta situação há que referir que em 1983 o custo de vida subiu em mais de 34 por cento. Em contrapartida, as pensões não acompanharam (como aliás já vinha acontecendo nos anos anteriores) o ritmo inflacionário. As pensões do Estado foram aumentadas em menos de 14 por cento; a dos rurais, em 17 por cento; e a pensão mínima em 22 por cento. Feitas as contas, isto significa que, em alguns casos, o aumento das pensões foi de menos de metade da subida do custo de vida, e noutros, inferior a 12 por cento. Acresce ainda a circunstância de muitos reformados não

terem ainda recebido qualquer aumento relativo a 1983.

Um dos factores que mais contribuiu para o agravamento da situação dos idosos foi também a liberalização dos preços, decidida pelo Governo PS/PSD e cujos resultados têm vindo a traduzir-se em subidas brutais nos preços dos artigos de primeira necessidade.

Mas os ataques às classes trabalhadoras, e muito em especial à terceira idade, não ficam por aqui. O Governo propõe-se agora aumentar as rendas de casa (na maioria dos casos em 300 por cento). Ora os reformados e pensionistas que até aqui enfrentam as mais terríveis privações serão os mais atingidos com esta medida.

A pensão de uma viúva é de 4000\$00 e de um beneficiário da pensão mínima de 5.500\$00. Será com estes valores, abaixo

dos mínimos concebíveis que esses milhares de pensionistas conseguirão sobreviver e fazer face a cada vez maiores agravamentos do custo de vida?

Objectivamente, não é descabido falar-se aqui de «injustiça, genocídio e desumanidade», como as próprias vítimas denunciavam nas várias acções de luta que têm vindo a desenvolver no sentido de alertar a opinião pública para as suas tão degradadas condições de vida, e em defesa do seu direito à vida digna e tranquila, que conquistaram com o seu trabalho e suor.

Que diálogo?

O MURPI (Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos) desde a sua criação, sob o lema «só Portugal de Abril respeitará o Outono da Vida», tem vindo a lutar em prol dos interesses da terceira idade.

Este movimento, que acusa alguns órgãos de comunicação social de «segregação», reclama o direito à sua qualificação como parceiro social. Mas, afirma, o Governo, que se diz dialogante, tem-se recusado a receber os seus dirigentes. O primeiro-ministro «como de costume, diz-se muito ocupado para atender o MURPI» e outro: governantes



CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO VERDE

EDITAL N.º 6/84

ABASTECIMENTO DE ÁGUA ÀS POVOAÇÕES DE
SETE, SANTA BÁRBARA DE PADRÕES,
BERINGELINHO E LOMBADOR

**FORNECIMENTO E MONTAGEM
DO EQUIPAMENTO ELECTROMECHANICO**

FERNANDO SOUSA CAEIROS, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO VERDE:

FAZ SABER QUE, durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste edital no «Diário da República», são aceites na Secretaria desta Câmara Municipal propostas para o concurso público referente à empreitada acima referida.

PREÇO BASE 1.212.514\$50
CAUÇÃO PROVISÓRIA 23.038\$00

ALVARÁ EXIGIDO: 5.ª subcategoria da V categoria (ou da 8.ª subcategoria da VI categoria), da classe correspondente ao valor da proposta.

As propostas serão abertas às 21.30 h da primeira quarta-feira que se seguir ao prazo do concurso, no Edifício dos Paços do Concelho de Castro Verde.

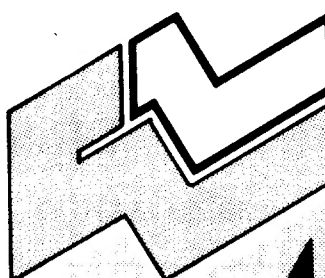
O processo de concurso poderá ser consultado, durante as horas de expediente, nos Serviços Técnicos desta Câmara Municipal.

Para constar se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Castro Verde, de Abril de 1984

O Presidente da Câmara,

Fernando Sousa Cairos



COMEMORAÇÕES DO 25 ABRIL

10 ANOS DE ABRIL

21 A 29 DE ABRIL
DURANTE TODO O DIA
RECINTO DA FEIRA AGRO-INDUSTRIAL
DE LOURES



SIRP/CAV 1984.84

em Portugal e miséria

nem sequer respondem.

De todos os grupos parlamentares contactados (incluindo o Presidente da Assembleia da República) apenas os deputados do PCP receberam o MURPI. Também o assessor do presidente da República recebeu recentemente uma delegação deste Movimento, que lhe expôs as «injustas condições de vida dos reformados».

O Cardeal Patriarca de Lisboa também concedeu uma audiência aos dirigentes do MURPI e afirmou-se conhecedor «da miséria deste estrato social». D. António Ribeiro, segundo um comunicado oportunamente divulgado pelo Movimento dos Reformados, afirmou nesse encontro «Concordar com as justas reivindicações» aconselhando os reformados a «unirem-se e organizarem-se na luta pelos seus direitos».

Só o Governo e as forças políticas que lhe servem de suporte sob os mais diversos pretextos, se recusam a receber os reformados, e às suas reivindicações fazem «ouvidos de mercador».

O MURPI, aquando da sua recente conferência nacional, aprovou um caderno reivindicativo que contempla os problemas mais sentidos pelos idosos e cuja resolução, segundo os seus

dirigentes, é «compatível com a capacidade nacional».

Nesse caderno, que contém um conjunto de 15 reivindicações prioritárias, os reformados exigem, sumariamente, justiça social, aumento das pensões, contenção do aumento do custo de vida, um Serviço Nacional de Saúde e medicamentos gratuitos, a reposição do «Cabaz de Compras», 50 por cento de descontos nos transportes públicos e a qualificação do seu movimento como parceiro social.

Fome e miséria

Sob a coordenação do MURPI, os reformados, pensionistas, idosos e aposentados têm-se mobilizado em todos os pontos do País, levando avante as mais variadas formas de luta, destinadas a protestar contra a situação de «miséria e fome» em que se encontram.

Por ocasião do «Dia Internacional do Pensionista», celebrado no dia 4 do corrente mês, realizaram concentrações «marchas contra a fome» no Porto, em Aveiro, Coimbra, Marinha Grande, Santarém Évora, Beja e Lisboa (com a participação dos reformados deste distrito e dos de Setúbal).

Na capital, a manifestação colheu o maior impacto nas pes-

soas que passavam pela Baixa, que assistiram com o maior respeito à passagem dos reformados num desfile que era encabeçado com um pano negro onde se lia «Temos fome! Estamos na Miséria». E não foram poucas as pessoas que, comovidas, deixaram escapar dos olhos lágrimas furtivas.

Muitos jornalistas estiveram presentes, mas a televisão, convidada pelo MURPI, primou pela ausência.

Na altura, um elemento, da coordenadora nacional do movimento usou da palavra, numa tribuna montada no Rossio, para «rejeitar a política de recuperação capitalista à custa da miséria, da fome e da doença dos trabalhadores e dos estratos sociais mais desprotegidos».

O dirigente do MURPI, na sua longa intervenção, sublinhou que «os idosos, os inválidos e as viúvas recusam-se a morrer de fome». Foram palavras repassadas de m'goa, quase desespero.

Até quando este Portugal de Abril continuará a ignorar o Outono da Vida, daqueles que ao longo da sua existência, deram o melhor de si, para agora arrostarem com os mais graves problemas de sobrevivência?

J. F.



O desfile dos reformados no Dia Internacional do Pensionista, em Lisboa



CÂMARA MUNICIPAL DA MARINHA GRANDE

A Câmara Municipal da Marinha Grande está solidária com as lutas dos trabalhadores.

PELO PÃO — PELO TRABALHO E PELA PAZ

E interpretando os profundos sentimentos democráticos do Povo do concelho, congratula-se com a passagem de mais um aniversário da Revolução de Abril.

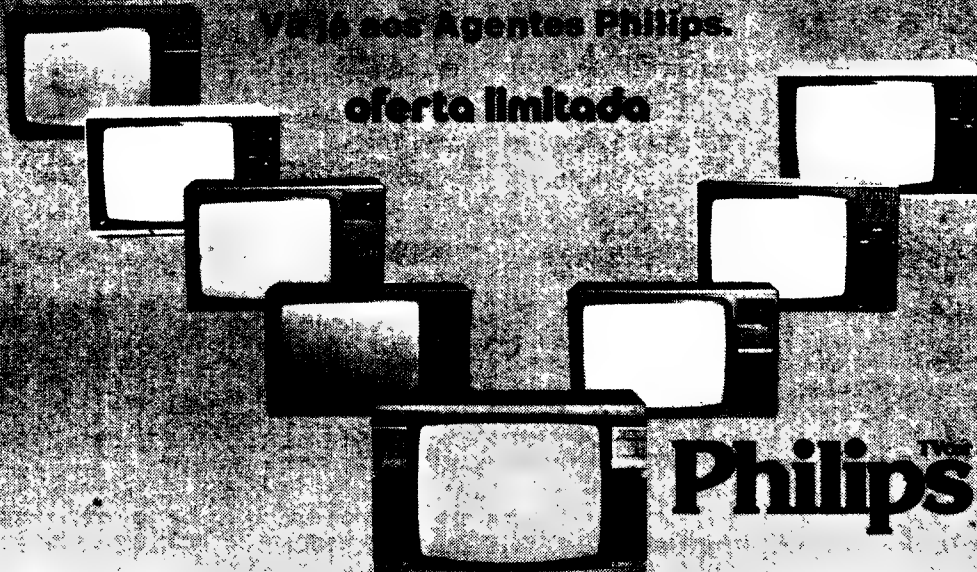
- VIVA O 25 DE ABRIL
- VIVA PORTUGAL

MARINHA GRANDE, ABRIL DE 1984

PHILIPS e os seus Agentes
oferecem-lhe 5000:00
na compra de um
televisor Philips a cores!

Com a compra de um televisor a cores Philips
de 5000:00, recebe 5.000:00.
Pode também ainda mais dinheiro
se entregar para troca o seu velho televisor.
Recorre à Câmara Philips e ao seu televisor a cores.
Vá já aos Agentes Philips.

oferta limitada



Philips

melhor imagem-melhor som-melhor qualidade
melhor assistência técnica

PHILIPS





Da esquerda para a direita: Manuela Santos, Anabela Coelho, Filomena Capela e Eduarda Martins protagonistas de uma história que merece ser contada

ELAS

Na manhã do dia 21 de Março
peça de vestuário. Sem trabalho,
Wester — uma pequena empresa
sita na margem sul do Tejo — pic
casa. A partir de então começou p
de um ano. É uma história de cora
nizada por umas dezenas (poucas
pomos contar-vos. É apenas um
muros do silêncio e a indiferença
descrêem, dez anos depois de A
Abril.

Em cima da camioneta que transportava a última máquina, elas observaram o oficial de diligências mudar a fechadura da porta. Já não conseguiam sentir raiva. Nem se davam conta do cansaço imenso, daquela sensação de abandono que ao longo de tantos meses marcara a sua vivência. Agora, apenas os olhos se povoavam de lágrimas num momento em que o tempo parecia ter parado. Naquele preciso minuto perpassou nas suas cabeças a memória daqueles dias de canseira, de incerteza. Que continuar. Até quando?

O trespassse

A Lundberg foi fundada em Dezembro de 1969, na Trafaria e arrancou com 50 trabalhadores.

Com o correr dos anos, o quadro de pessoal alargou-se chegando a totalizar os 102 trabalhadores. A precariedade das instalações tornou-a alvo da Inspeção de Trabalho que lhe infligia

25 de Abril
1984
10.º Aniversário



ABRIL

A União dos Sindicatos
de Lisboa saúda a passagem
do 10.º Aniversário do 25 de Ab
e apela a todos os trabalhadores
do Distrito para que participem
nas Comemorações
de carácter unitário

Viva o 25 de A

**A União dos Sindicatos
de Lisboa saúda a passagem
do 10.º Aniversário do 25 de Abril
e apela a todos os trabalhadores
do Distrito para que participem
nas Comemorações
de carácter unitário**

Viva o 25 de Abril

Viva o 1.º de Maio

10 anos em liberdade

Para cumprir Abril lutar por Maio

todos ao M. MONIZ • 14 h 30

AS VENCERAM O FUTURO

Março de 1983 ficou pronta a última balha, as operárias de Lundberg — picaram o cartão e foram para a odisseia longa e determinação protagonizada por mulheres a que nos pros — um exemplo que ultrapassou o ença do poder. Para aqueles que de Abril, da força que construiu

multas constantes. Ai estiveram quase 13 anos, findos os quais se tornava imperioso mudar. Transferiram-se, em Maio de 1981, para a Cova da Piedade tendo ido ocupar as instalações que estavam alugadas a uma empresa multinacional, a Tranemo-Têxtil.

O *trespasse foi mal feito*, garante Manuela Santos, delegada sindical da Lundberg e dirigente do Sindicato dos Têxteis do Sul. A senhoria, que não havia sido informada, quando soube, moveu uma acção de despejo à Tranemo. Nessa altura, a Lundberg entrou em contacto com a proprietária que pediu 500 contos mensais de renda para desistir do processo. Esta ainda foi paga durante alguns meses, mas a senhoria investiu novamente dizendo que queria vender e não alugar. Pediu 65 mil contos por uma área que rondava os dois mil metros quadrados. Posteriormente baixou para 50 mil. A Lundberg ofereceu 35 mil contos a pagar em quatro anos mas não houve acordo.

Mas havia que continuar a laborar e isso ainda foi possível até Janeiro de 1983. A partir daí começaram a faltar os *stocks* de tecido. Os produtos de higiene também escasseavam. Pressentindo que algo se passava os trabalhadores dirigiram-se à gerente «que dava evasivas». Até que chegou

aquele dia de Março em que foi confeccionada a última peça de vestuário...

Também foi nesse mês receberam o último salário, pago pontualmente em conjunto com os retroactivos de um caderno reivindicativo que havia sido apresentado em Outubro.

Chegou Abril e só então souberam que havia uma ordem de despejo a concretizar no dia 28 desse mês.

A ocupação

Transferiram para ali as suas vidas. Em turnos de doze horas passaram a ocupar as instalações da Lundberg. Guardar as máquinas e outros haveres eram o principal objectivo. «Isso era tudo o que nos restava», recorda Filomena Capela, uma empregada de escritório da empresa que sem tibezas assume a sua condição de mãe-soiteira. Numa fábrica com 109 trabalhadores, 102 dos quais mulheres, estas lideram a ocupação. São elas que limpam, montam vigilância dia e noite, arrostam com as tentativas de assalto e fazem a ronda, de vela acesa, pelos três edifícios de rés-do-chão e primeiro andar. Trouxeram com elas os filhos porque já não havia dinheiro para pagar às armas e porque tiveram que enfrentar a incompreensão dos maridos. Deitavam as crianças em camas que faziam no chão e velavam porque os ratos andavam por perto. E conseguiam mimá-los quando as horas de clausura os tornavam impacientes. E ainda foram capazes de se ouvirem umas às outras naqueles dias intermináveis em que se murmuraram confissões nunca antes reveladas.

Muitas vezes durante os turnos desfiávamos o rosário dos nossos problemas, diz Anabela Coelho, operária, que foi delegada sindical. E confessa: *Só nessa altura conheci verdadeiramente algumas das minhas companheiras.*

Paralelamente, encetaram negociações «com o único elo de ligação à Lundberg», o engenheiro Engberg, um sueco naturalizado português que detinha 20 por cento do capital nacional. Mas também se dirigiram aos órgãos de poder. Contactaram os ministérios da Indústria e do Trabalho, os grupos parlamentares, o Presidente da República. Apenas o PCP as recebeu e o PS respondeu com uma carta. De resto, um muro de silêncio.

Mas em Maio o senhor Engberg assegurou que se fossem conseguidas instalações a fábrica reabriria. Envidaram esforços nesse sentido e, na última semana de Junho, descobriram um novo local, desta vez no Fogueiro.

Manuela Santos relata: *Houve um certo empate de tempo até que, em 27 de Julho, estávamos em plenário quando apareceu um oficial de diligências e um representante da senhoria. Esta tinha arranjado um armazém e pretendia ficar como fiel depositária da maquinaria.*

A *aflição foi muito grande tanto mais quando nos disseram que devíamos sair dali até dia 3 de Agosto*, prossegue Manuela Santos no seu estilo um tanto frenético.

Contactaram o advogado que as aconselhou a pedir ao sindicato que ficasse como fiel depositário do material. O processo

foi complicado mas conseguimos tudo».

A mudança

De um dia para o outro arranjaram novo local (provisório) para guardarem as máquinas e no dia 30 de Julho começou a mudança. Trabalhavam das sete da manhã às 10 horas da noite. Apanharam aqueles dias tórridos em que os termómetros passaram os 40 graus pelo que as bocas rebentaram devido ao pó, à sede e ao calor.

Não temos palavras que descrevam esses dias, relembra Eduarda Martins, também operária e membro da comissão de trabalhadores. Alimentaram-se sobretudo de pão e uvas porque estavam demasiado sujas para se deslocarem e também porque não tinham dinheiro. Estavam há já quatro meses sem salários.

As máquinas eram pesadas e houve três que foram içadas por um guindaste cedido, para esse dia, pela Câmara de Almada. Mas a maioria delas foi deslocada a pulso, com a ajuda de cordas. *Havia colegas que choravam e vomitavam não só por causa dos nervos mas também pela força que faziam.* Pelo menos uma prensa pesava à volta de uma tonelada, garantem.

Entretanto sotriam baixas. Uma partiu um dedo do pé logo no segundo dia. Outra fez um enorme rasgão numa perna e teve que ser cozida. As restantes iam ficando cobertas de marcas. *Não havia nenhuma parte do corpo que não tivesse nódoas negras.*

Ao mudar a fechadura da porta o oficial de diligências dizia que



Manuela Santos: uma dirigente sindical exemplar

se não tivesse visto não acreditava. E perguntava-se como é que *meia dúzia de mulheres tinha feito aquilo.*

Uma minúscula, mas intensa parte das suas vidas tinha ficado para lá daquela porta. A comoção não significava desespero. Era apenas o sentimento de quem abandona um lar que há muito se sabe perdido, mas do qual não se quer desistir.

Houve ainda um compasso de espera, horas em que o futuro ia

sendo sucessivamente adiado, mas a reabertura de uma nova empresa com o material e as trabalhadoras da Lundberg acabou por concretizar-se no dia 12 de Março... quase um ano depois de tudo ter começado.

Esta a história que vos trazemos neste Abril já pálido, dez anos depois, quando a esperança esmorece.

Áurea Sampaio

AUTOCOOPE

COOPERATIVA DE TÁXIS DE LISBOA

8.º ANIVERSÁRIO

18/3/76 18/3/84

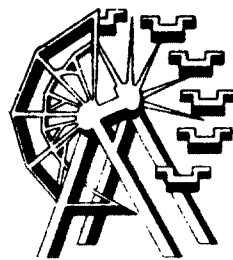
SERVIÇO DE TÁXI
RÁDIOTELEFONE 65 91 51/8

150 TÁXIS
AO SERVIÇO DA CIDADE
DE LISBOA



com
Abril
saúda os estimados clientes

AUTOCOOPE foi e será obra dos trabalhadores



feira popular de lisboa
1984

A MELHOR FEIRA
DE SEMPRE

50 000 m2
de prazer e recreio
ao alcance
de todas as bolsas

Manhãs Infantis
Tardes para a 3.ª idade



MERCADO DE ARTESANATO
SEMANAS REGIONAIS



MANIFESTO

AS COMEMORAÇÕES DO 10.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL NO CONCELHO

A tradição comemorativa do 25 de Abril no nosso concelho deve ampliar-se este ano, pelo enorme significado que reveste o 10.º Aniversário da Revolução libertadora de Abril.

Para o Barreiro, para a sua população trabalhadora, Abril foi a abertura de portas que o poeta cantou, e aqui nesta laboriosa terra muitos ajudaram a abrir.

Abril trouxe a liberdade e a esperança, as profundas modificações na vida social e política — as Nacionalizações, a Reforma Agrária, as liberdades democráticas — e também as dificuldades de um processo em que os antigos privilégios não querem ceder.

Dez anos passados a esperança revivifica-se, o cravo vermelho da liberdade continua bem alto levantado, a vontade dos barreirenses não esmorece, por isso vamos dar corpo a um grande conjunto de iniciativas em todo o concelho.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

DIA 25 DE ABRIL

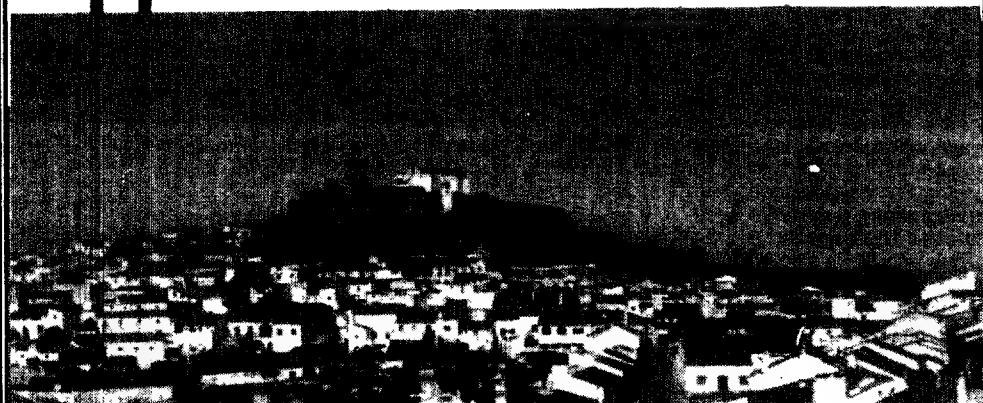
- BARREIRO:** 08,30 HORAS — Alvorada
09,30 HORAS — Hastear da Bandeira, nos Paços do Concelho
10,00 HORAS — Parque Catarina Eufémia; Actividades para Crianças
- LAVRADIO:** 10,00 HORAS — Hastear da Bandeira, na Junta de Freguesia
10,30 HORAS — Ginástica, na Av. J.J. Fernandes
10,30 HORAS — Pintura para as crianças; Escola 2
- PALHAIS:** 10,00 HORAS — Hastear da Bandeira
Exposição de Desenho e Pintura
- ST.º ANDRÉ:** 09.00 HORAS — Parque Público Paz e Amizade; Manhã Infantil

De 15 de Abril a 1 de Maio «FEIRA DE ABRIL» Terrenos anexos ao Pavilhão dos Trabalhadores — G. D. Quimigal

informação

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

CÂMARA MUNICIPAL DE ARRAIOLOS



No Caminho de ABRIL com o Poder Local Democrático

- * HABITAÇÃO E URBANIZAÇÃO
- * DESENVOLVIMENTO SÓCIO-CULTURAL
- * SANEAMENTO
- * DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÓMICO

VECTORES PRINCIPAIS DO PLANO DE ACTIVIDADES DA C.M.A. PARA O ANO DE 1984

pelo Progresso da nossa Terra



CÂMARA MUNICIPAL DE GRÂNDOLA

PROPOSTA DE MOÇÃO X ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

CONSIDERANDO QUE:

- 1.º — Comemora-se este ano a passagem do X aniversário da gloriosa jornada do 25 de Abril de 1974, marco histórico inapagável na vida centenária do Povo português.
- 2.º — O 25 de Abril pôs termo à mais velha ditadura da Europa, libertando o País do fascismo que oprimia e tiranizava os Povos de Portugal e das ex-colónias, abrindo os caminhos da liberdade, da democracia e de esperança para uma vida melhor.
- 3.º — Nos últimos anos os sucessivos governos de direita têm vindo a impor uma degradação constante das condições de vida dos portugueses, nomeadamente no que se refere aos salários em atraso, ao aumento do desemprego, à saúde, ao ensino, aos atentados cada vez maiores às liberdades dos trabalhadores e dos cidadãos em geral, na ruína e falência dos pequenos e médios comerciantes, industriais e agricultores, no desmantelamento das empresas nacionalizadas e da Reforma Agrária, no endividamento externo e subordinação ao imperialismo apoiando os seus actos belicistas e pondo em risco, cada vez mais, a segurança e a Paz e a independência nacional.

A Câmara Municipal de Grândola delibera:

- 1.º — Mandar colocar placares e faixas em diversos locais da Vila alusivos ao 25 de Abril assim como efectuar alguns murais de parede.
- 2.º — Engalanar com bandeiras alguns locais da vila.
- 3.º — Apelar a todos os democratas, homens, mulheres e jovens, a participar activamente nas Comemorações do X Aniversário do 25 de Abril.

Grândola, 6 de Abril de 1984

A Câmara Municipal de Grândola



CÂMARA MUNICIPAL DE ALPIARÇA MANIFESTO/APELO

COMEMORAÇÕES DO 10.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

À POPULAÇÃO DO CONCELHO DE ALPIARÇA

Dia 25 de Abril de 1984, dez anos passados sobre o derrube do fascismo pelo movimento das Forças Armadas, o momento difícil que atravessa a democracia portuguesa é motivo bastante para que de uma forma organizada e participada, recordemos:

- Os capitães de Abril que derrubaram o regime fascista;
- A resposta pronta do povo português que nas ruas, fábricas e campos e, em aliança estreita com o MFA deu corpo e força revolucionária aos ideais propostos no programa do movimento.
- As conquistas alcançadas por todo o povo português, nomeadamente: as liberdades fundamentais, as nacionalizações, a reforma agrária, o controlo operário e o Poder Local democrático.
- Dez anos decorridos do 25 de Abril de 1974, apesar das profundas transformações democráticas de então para cá operadas na sociedade portuguesa, passamos hoje, por um período de grandes dificuldades económicas, sociais e mesmo políticas:
- O País atravessa a maior crise económica e financeira dos últimos anos devida não só à crise internacional que passa pelos países capitalistas (ex. CEE), mas também à política restauracionista do capital monopolista e latifundista prosseguido pelos últimos governos que já levou à falência centenas de pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais.
- Os trabalhadores são reprimidos quando lutam pela defesa dos seus postos de trabalho e pelo pagamento dos salários em atraso.
- Continua o confronto institucional entre órgãos de soberania.

O Povo português e particularmente a população do nosso concelho tem demonstrado ao longo destes anos, o seu amor e fidelidade à Revolução de Abril, lutando pela liberdade, pela paz e pelo bem estar social.

A Câmara Municipal de Alpiarça, ciente de interpretar o sentimento da população: apela à sua participação, nas comemorações do 10 aniversário do 25 de Abril que se realizam no nosso concelho.

**VIVA O 25 DE ABRIL
VIVA PORTUGAL**

Aprovado em sessão da Assembleia Municipal de 19/04/84, com os votos contra do PS e da AD

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ALPIARÇA



«A trepadeira que queria ver o céu azul»: Maria Eugénia Neto

Cooperação cultural Angola-Portugal

Dois livros, um aperto de mão

Portugal e Angola: muitos podem ser os laços estabelecidos ou a estabelecer, para além dos já existentes, entre dois países geograficamente tão distantes e de costumes tão diferentes. Mas estamos em crer que os laços culturais são precisamente aqueles que mais estreitam as pessoas, as levam a um convívio mais seguro e aliciante. Acresce ainda o facto de existir uma língua comum, este Português que muitos climas (é da nossa História) foi enriquecendo, dando-lhe outros termos, emprestando-lhe outros sons e sotaques. Livros que se troquem entre os dois países são uma espécie de cartas em que muitas coisas se confidenciam, muitas coisas se contam, muitas coisas se dizem sobre os mais diversos tons... Ora no passado dia 12 de Abril, no decurso de algumas horas, na livraria citadina das Publicações Europa-América, dois livros infanto-



«Os filhos dos outros»: Pedro Alvim

-juvenis, em sessão de autógrafos, foram trocados entre os dois países referidos: de Maria Eugénia Neto (viúva do Presidente Agostinho Neto), «A trepadeira que queria ver o céu azul», com ilustrações de António Domingues, e «Os filhos dos outros», do nosso camarada de Redacção Pedro Alvim, ilustrado por Teresa Dias Coelho. Muitas individualidades presentes, desde escritores, jornalistas, artistas plásticos. O embaixador de Angola, outros representantes de países africanos de expressão portuguesa. Oficiais do 25 de Abril. Professores da Faculdade de Letras de Lisboa. Presenças amáveis como de Soledade Martinho Costa, Madalena Gomes, Estela Piteira Santos, etc. E, também, muita juventude. Dos livros apresentados, transcrevemos, a seguir, duas histórias.

A trepadeira que queria ver o céu azul

Maria Eugénia Neto

ELA era linda, toda de campânulas enfeitada! Do tronco redondo, de dezenas de metros, saíam de cada lado e de espaço a espaço estas belas flores — formosas como há poucas na Terra...

Imaginem um sino virado ao contrário. Eu penso que os artesãos antigos, ao inventarem o sino, copiaram as campânulas silvestres.

Silvestres quer dizer que nascem espontaneamente nos campos, como as silvas. Estas alastram na terra e têm picos ao longo do tronco, tornando difícil as pessoas passarem.

Já agora vos digo que o arame farpado é uma cópia também... O homem é um copiador... Tão copiador (ainda lhe falta muito para saber copiar bem, mas, enfim, lá se vai arranjando), tão copiador, dizia eu, que esses artifices antigos, que foram os homens que fizeram as panelas, as frigideiras, etc., etc. (o resto vocês conhecem na cozinha da mãe), olhavam, e, trás... lá tomavam estes a forma dos seres da natureza, adaptando-se às necessidades do homem.

Então uma panela não pode ser muito bem uma corola de flor? Imaginem só um pouco e vão ver que concordamos nesta conclusão! Uns dirão:

— Que coisa, uma panela amolgada, enfarruscada, tratada às vezes sei lá como, ser uma reprodução ou a imagem de uma flor! Esta agora!

Mas eu continuo na minha. Sim, senhor, pode muito bem ser. O sino não pode ser flor? Então a panela também

pode. Até porque o sino pode transformar-se em panela...

E esta? Já vejo alguns a concordarem comigo. Pois claro, pensem e verão que pode ser verdade.

Só que é preciso, em casa, tratar a panela com carinho e conservá-la bem limpa, sem machucadelas, pensando que ela é a imagem da flor. E, sendo assim, deve ser tratada bem, pois a flor, ao mais ligeiro toque desastroso, murcha. A panela, coitada, não morre logo, mas em que triste estado ela fica...

Bem, mas agora demos um saltinho à mata e deixemos a cozinha, a cidade e tudo o resto. Vamos debruçar-nos sobre a linda trepadeira que escolhemos hoje para aprendermos a amar e a reproduzir na escola e no quintal da casa. Basta só um pouquinho de água e uma protecçãozinha à volta.

Mas vamos lá. Como dissemos no início da nossa conversa, ela nasce perto de uma árvore e cresce enrolando-se ao tronco. Cresce até atingir o Sol e o céu.

Aí, pára, porque já vê o céu e o Sol e é vista por eles.

Em certas horas do dia veste-se com a cor do firmamento, de um azul-tinta. Outras vezes é roxa ou lilás. E então, recebendo o calor e os raios de luz, começa a fortificar-se.

O seu tronco inicial cresce lá em baixo no sopé da árvore, subdividido em muitos braços esguios da grossura de uma corda vulgar. Forma mesmo, às vezes, uma espécie de rede (aqui os braços são bem mais fininhos) e, quando está bem estabelecida, brota as flores alegres, vistosas, ma-

ravilhosamente belas. Ao pôr do sol, elas fecham-se, como nós fechamos as portas e as janelas de casa. A aragem suave traz-lhes os votos de boa noite do Sol...

Quem não reparou já na beleza do pôr do Sol ao esconder-se nos nossos mares de Angola? Pois se ainda não repararam, façam favor de olhar e ver. Ficarão vaidosos de ele se mostrar, ao fim do dia, tão lindo para nós... É claro que isto é uma recompensa para os que trabalham e vão regressar a casa. Quem não cumpriu o seu dever de cidadão não sentirá esta beleza do Sol, olhará e não sentirá o mesmo que aquele que cumpriu a sua tarefa.

Por isso, eu estou a chamar a vossa atenção, miúdos, para a beleza que vos circunda, para que vocês aprendam com ela a ser generosos e honestos trabalhadores e obreiros, preservando o que está em redor de nós. É por isso que a panela tem de estar limpa e sem amolgadelas, mesmo se ela repousa sobre uma pedra, à laia de armário, por não haver outro sítio onde a guardar.

Lembrem-se que a campânula emprestou a forma à panela. É a panela, sendo a imagem da flor... Bom, já sabem o resto, a gente bem se entende...

Eu vou mesmo enviar para vocês, em nome da nossa trepadeira, um abraço florido, numa correnteza de flores, cuja cor varia entre o azul e o violeta e a que eu daria o bonito nome de anil. Um abraço e um beijo e o perfume de todas as campânulas abertas em dindlins, que é a música delas, quando começam a se char-se ao sol-posto e se embalam para adormecer...

Mas que senhor boneco!

Pedro Alvim

A coisa mais engraçada que fiz lá na aula foi largar dez moscas que levei numa caixa de fósforos... — E Rui, o pão na mão, a marmelada nos lábios, ficou-se à espera da confissão dos outros.

— E eu — disse logo Eugénio —, o que de mais cómico fiz, e nunca ninguém descobriu, foi pôr óculos em todos os reis de Portugal no livro da Rita. Quando ela abriu o livro, foi o bom e o bonito...

— Pois eu — avançou o Ernesto —, a única coisa que fiz foi assobiar, assim como quem chama um cão, muito depressa, três vezes seguidas, a cabeça escondida no livro...

— Eu cá — disse o Fernando —, quase todos os dias mio um bocadinho sem mexer os lábios, e ainda ninguém descobriu o gato... Penso que os outros também miam, às escondidas, pelo que é muito difícil saber quem é...

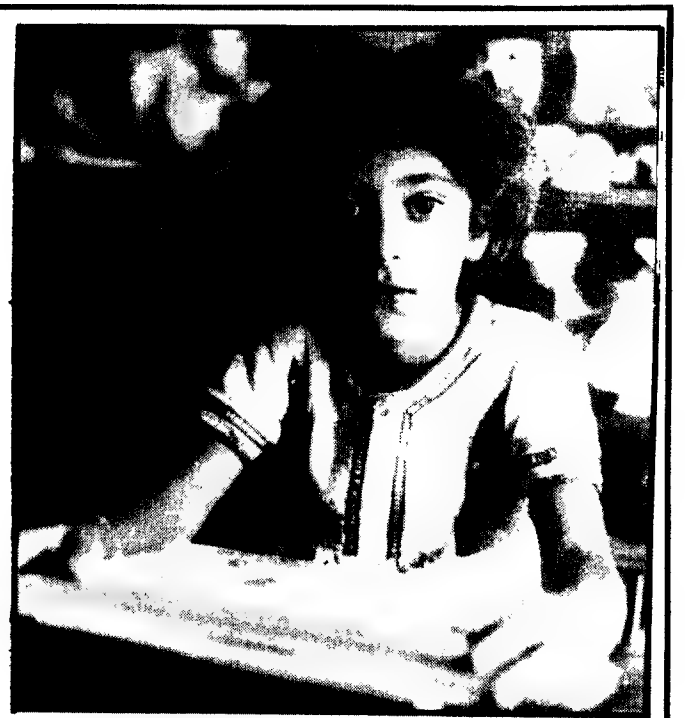
— Eu — começou Filipe enroscando-se no poste da pargagem do autocarro — subi uma vez pela árvore do recreio e comecei a gritar que não sabia descer... Foram lá buscar-me, e pronto, mais nada...

— E tu, João, não tens nada para contar...? Sempre tão bem comportadinho, que rico menino que tu és. Mas nunca, nunca, fizeste nada...?

— Fiz, pois...

— O quê...? Anda, diz lá...

— Uma vez, no intervalo, abandonei o recreio, entrei na sala e fiz um boneco no quadro preto... E fugi... O recreio terminou, o professor entrou, olhou para o quadro, olhou para nós, e nós caladinhos caladinhos, e ele disse: «Mas que senhor boneco, ó bonequinhos!»



O ensino da História depois do 25 de Abril

Os adolescentes de hoje poderão ignorar que Leonor Teles ou que houve uma Guerra dos Cem Anos, mas isso não significa que saibam menos História do que quem frequentou as escolas antes do 25 de Abril.

Em contrapartida, estão familiarizados com concertos como «depressão», «inflação», «relações de dependência» ou «sacralização do poder» e esses conceitos são instrumentos que lhes permitem compreender cientificamente a realidade social.

«Os jovens de hoje não sabem menos, sabem outras coisas», afirmou Maria Emília Dinis, professora do Ensino Secundário, que integrou a comissão «ad hoc» encarregada, em Maio de 1974, de organizar os programas para o ensino pós-revolução.

Até ao 25 de Abril, o ensino da História era, em Portugal, a semelhança do que ainda hoje sucede nos Estados Unidos e nos países nórdicos, um ensino de factos e actos de personalidades que se sucediam no tempo.

Nos primeiros tempos do Estado Novo, o ensino da História privilegiava os aspectos políticos, militares e institucionais, a exaltação dos heróis, a inculcação de valores como o militarismo, o imperialismo e o nacionalismo, com grande destaque para a História de Portugal estudada à margem da História Universal.

O programa aprovado em 1984 para o ensino da História, influenciado pelo avanço da historiografia portuguesa na década de 40 e pelo espírito resultante do pós-guerra, tomou mais objectivo o estudo da História, procurando enquadrar Portugal nas grandes linhas da evolução da Europa e apelando mais para a compreensão das ideias do que para a memorização de nomes e datas.

Assim, deixou de ser função da disciplina de História, como determinava a reforma de 1936, «destacar a missão histórica da nação portuguesa, dentro do ideal cristão», mas sim «estudar as transmutações sofridas pela sociedade e pelo homem».

«O programa de 1948 aproximou-se da concepção actual de História total, não que deixasse de destacar acontecimentos e figuras dominantes, mas porque privilegiou a compreensão dos movimentos e correntes nos vários domínios do comportamento da sociedade humana: económico, social, institucional, cultural», referiu Maria Emília Dinis.

As contradições do regime levaram a um afrouxamento da pressão do Estado sobre o ensino nos anos 60, ao mesmo tempo que desapareceu o livro único.

Simultaneamente, o desenvolvimento económico tornou

imperativa uma reforma do sistema educativo, tentada por Veiga Simão, na qual colaboraram várias personalidades ligadas à oposição ao regime de Salazar.

A abertura e objectividade do programa de 1948 permitiu que ele se mantivesse até 1974, ano em que a Revolução de Abril levou a que se projectasse uma reforma do ensino.

A partir de 1974/75, a História passou a ser encarada de um modo mais universalista, em que a Europa não é vista já como o centro do mundo, o que levou a inclusão, no programa, do estudo das civilizações asiáticas e americanas.

Simultaneamente, o estudo da Pré-História e do processo de hominização adquiriu maior relevo pelo aspecto formativo atribuído ao aparecimento da linguagem, da técnica, etc.

Por sua vez, a História de Portugal passou a ser invocada apenas a propósito da História Universal, no entanto, «corria-se o risco de uma desnacionalização excessiva dos jovens que levava a uma correcção posterior do programa» disse Maria Emília Dinis.

Os fenómenos económicos sociais são estudados com grande destaque desde 1974, mas «à enumeração de eventos substituiu-se a compreensão das estruturas e das conjunturas ou seja «o discurso narrativo foi substituído por uma análise operatória».

Assim, o que hoje se estuda nas escolas secundárias, é «uma historiografia muito avançada de que utiliza os instrumentos de análise das ciências sociais — economia, sociologia, demografia, etc. — e os aplica a todos os campos da actividade e comportamento humano» — afirma a professora.

O ensino da História, feito com base em documentos, mapas e texto exige uma preparação básica, nomeadamente a nível de português, que falta muitas vezes nos estudantes.

Esse facto, aliado à extensão dos programas, leva a que, nos últimos anos, e nos vários graus de ensino, raramente se tenha ido além do estudo do século XVII.

«A experiência mostra que a actual distribuição curricular se traduz numa de duas frustrações: ou o não completamento do estudo e dos programas referidos ou uma aprendizagem superficial e acrítica segundo modelos tradicionais», afirmou Maria Emília Dinis.

No entanto, «o ensino de História em Portugal é o mais avançado de toda a Europa, inclusivamente que o de França que nos serviu, a princípio, de modelo».



**COMEMORAÇÕES 10.º ANIVERSÁRIO
DO 25 DE ABRIL
«10 ANOS DE LIBERDADE E PAZ»**

Iniciativas em todas as freguesias, com actividades culturais, desportivas, recreativas e intervenção política de democratas e militares de Abril.

Do programa geral, a concretizar até 4 de Maio, destacamos:

- 25/4 - 9.30 h — **9.ª ESTAFETA DA LIBERDADE**
Vialonga — V. F. Xira
- 10 h — **SIMULTÂNEA DE XADREZ**
Largo da Câmara Municipal
- 14 h — **ESPECTÁCULO COM TEATRO
INFANTIL — PALHAÇOS
E FOLCLORE**
Jardim Municipal
- **DESFILE DE BATEIRAS NO TEJO**
- 16 h — **DESFILE — INTERVENÇÃO
POLÍTICA**
Do Jardim Municipal com concentração
no Largo da Câmara
- **LARGADA DE POMBOS NO JARDIM**
- 28/4 - 21 h — **ESPECTÁCULO PARA A JUVENTUDE**
Pavilhão do Cevadeiro — V. F. Xira
- CONCURSO LITERÁRIO — Tema: «**25 DE ABRIL, 10 ANOS**
DEPOIS» género jornalístico
«**O MEU 25 DE ABRIL**» género narrativo
- Dos 13 aos 25 anos
 - Trabalhos entregues até 12 de Maio

PEÇA O REGULAMENTO



**CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA FRANCA DE XIRA**

3x



**PUBLICIDADE LUMINOSA
EM NÉON E PLÁSTICO**

Toldos e palas metálicos ou em polyester
Termoacumuladores de alta pressão — Colectores solares
Assistência técnica a todo o nosso trabalho

SEDE: PORTO — R. da Torrinha, 150/154 — Porto — Telef. 2 86 89-2 34 77

FÁBRICA: Canidelo — V. N. Gaia — Telef. 31 47 47

DELEGAÇÕES: COIMBRA — R. Figueira da Foz, 92-4.º — Telef. 2 25 40 • VISEU — Avenida Alberto Sampaio, 95-3.º — Telef. 2 30 17 • FARO — Rua Cruz Mestras, 39 — Telef. 2 44 15 • FUNCHAL — Rua da Ponte Nova, 41-A — Telef. 2 63 06

Representados em Lisboa por: RECLAMOS LUMINOSOS NEOLUX, LDA.
Rua Cidade da Horta, 54-1.º Dto. (Lx. 1)

NEOLUX, L.ª

**VEJA
PARTICIPE
RÁDIO
AO VIVO**

amanhã
das 16 às 19 h.
Pr.º DO CHILE

**RÁDIO ALAVANCA
A VOZ DOS
TRABALHADORES**

**12.º CRUZEIRO às ILHAS
MADEIRA e CANÁRIAS**

A bordo do moderno paquete
FUNCHAL
Classe única • Serviço de 1.ª cl.



11 a 19 de Maio/84
(LISBOA A LISBOA) **49.000\$**
FUNCHAL-TENERIFE-LAS PALMAS-LANZAROTE

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: **DESCONTOS ESPECIAIS**
ESPOSAS 3.ª IDADE | **20%**
OPORTUNIDADE A NÃO PERDER

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 3/1341
LISBOA - Avenida de Roma, 66 - B Tel. 806096
ALMADA - Rua de Oliveira, 9 - C Tel. 2755756
PORTO - BRAGA - COIMBRA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL



**CÂMARA MUNICIPAL
DE ÉVORA**



de Abril • 84

10 ANOS DE LIBERDADE



Câmara Municipal de Mértola



**COM O 25 DE ABRIL
NOS CAMINHOS
DO FUTURO E
DO PROGRESSO**

Pedro Oom: Foi um ar que lhe deu

... E sem pretexto, calendário cego!

Foi-se o Pedro há dez anos. 26 caiu a uma sexta-feira, seriam duas da tarde e ele a entrar no «13» (mesa dos bêbados, isto é, dos poetas, ou seja, dos anarcas, chamavam-lhes surrealistas, atrás havia a mesa dos democratas, também por lá se asneirava bebendo) e entrando dentuça arreganhada foi só o tempo de nem dizer pio: a tropa no Camões urdia a queda da Pide, o ar (o vômito) saturava de oxigénio (demais para tão longa sufocação) e no vendaval que era de repente a porta aberta do «13» e das ruas de Lisboa e de todos os nossos espantos curvou-se o Pedro, boque, rosto para cima, rosto para cima, libertado. Porém morto.

Dir-se-ia: primeira vítima do 25 de Abril. E logo um poeta. Por acaso, surrealista?

Ou não estava preparado — ou estava preparado em excesso, naquele ponto de tensão que é limite de tenacidade e já rotura, cúmulo inflexível e já fragi-

lidade.

Todo um percurso resistente: das primeiras heróicas ingenuidades neo-realistas (algumas impressas no «Sol» e na «Seara Nova») até à radical opção surrealista que nele achou nome de abjeccionismo: «Que pode fazer um homem desesperado quando o ar é um vômito e nós seres abjectos?». Resposta: «Um homem pode entrar livremente numa prisão e sair dela mais amarrado do que quando lá entrou».

Liberdade. Prisão. Uma vida inteira (48 anos, tantos quantos...) nesta neurose dicotómica onde a esperança se chama teimosia e o ódio pode ser a face oculta do amor.

«Por muito amar a liberdade» — era o mote de um fado.

E neste fado se foi. Há exactos dez anos. O Pedro Oom.

Nós por cá todos alfinetes. Sempre.

Vitor Silva Tavares

O meu descolamento da retina vai melhor pelo que já não lhe escrevo a tinta verde

Vi desvios confusos. Passo.

Tive amigos; questionando-me sobre gregos e troianos, sobre ismo e istmos, sobre as roupagens e a mais recente coloração do cabelo. Sobre Freud, anjos, o diabo!

E a cidade, ninguém deu por isso, vai sendo posta ao contrário... A polícia agora nem bate, aproveita-se; somos nós que perguntamos «não me bates?, que estou batido».

O café da Avenida, nossa ponte, somente 10 anos volvidos e é o mais belo antro: chulos, bufos, maridos, travestis de toda a ordem. Nunca poderíamos voltar ali para tarefas cariocas-de-limão e uma última demão de marxismo... Eu não! Indicia-se um reinado de jagunços.

Alguém colapsou pelo meio tua caligrafia verde, dizem que

ando metido noutras vidas (o cego advérbio: «diz-me com quem/ dir-te-ei quem»), que se me lê nos livros. Respostas provocadas não ajustam. No essencial, tudo tudo me repugna: a Família, Deus, a sacrossanta mercadoria, o Estado... Vontade canibal de querer TUDO.

Ensina-me a jogar um jogo diferente?, xadrez, mudo de pele todos os dias, para ser eu mesmo.

Subscribo o crime, subscribo o roubo.

Um saco já com poucas fidelidades.

Inviolável.
Incorrupto

21 ABRIL 1984

(a) Paulo da Costa Domingos



(Pedro Oom, 9.5.73)



VILA DO MONTIJO FREGUESIA DE MONTIJO

EXPOSIÇÕES

DE 21 A 25 DE ABRIL — EXPOSIÇÃO/CONCURSO DE MODELISMO NA CASA DOS MAGISTRADOS

AV. 25 DE ABRIL (organização conjunta da CMM e Jovens Escola Secundária)

DE 20 A 28 DE ABRIL — VÁRIAS COLECTIVIDADES DO CONCELHO «10 ANOS DE ABRIL NO CONCELHO DE MONTIJO»

DE 15 A 25 DE ABRIL — CENTRO PSICOPEDAGÓGICO CASA DAS MORAS — AV. DOS PESCADORES

(organização conjunta CMM e CAPIJ)

DE 25 A 30 DE ABRIL — DE FOTOGRAFIA — CÂMARA MUNICIPAL «A CAMINHO DA LIBERDADE»

(organização conjunta CMM e Ass. Estudantes Esc. Secundária do Montijo)

CENTRO DE REFORMADOS DO MONTIJO — AV. DOS PESCADORES

«TERCEIRA IDADE O QUE É?»

Dia 24 — 21H00 — Sessão solene e Espectáculo — Música Popular, Fado, Poesia, Rock, Música Africana, Dança Rítmica — Praça da República — Montijo

Dia 25 — 09H00 — Atletismo — Parque Municipal

10H00 — Animação Infantil — Desenhos e Exposição — Parque Municipal

10H00 — Ténis de Campo — Campo Cerrado Chaves

14H30 — Desfile das colectividades do concelho com Solta de Pombos e Largada de Balões — Parque Municipal

20H30 — Futebol de Salão — Pavilhão Ginásio Desportivo

21H30 — Concerto com a Banda de 1.º Dezembro — Praça da República

15H00 — Xadrez — Salão Nobre CMM

PALCO (Fundo do Palco) — Pintura conjunta de vários artistas «OS PINTORES E O 25 DE ABRIL»

ATALAIA

Dia 25 — 09H00 — Salva de Morteiros, Haztear da Bandeira Nacional — Sociedade Recreativa Atalaia

09H30 — Filma Infantil, Lanche

14H00 — Gincana

21H30 — Baile Popular

BAIRRO DO AREIAS

Dia 24 — 21H00 — Baile Popular

AFONSEIRO

Dia 25 — 09H30 — Atletismo — nas ruas do Bairro

10H00 — Jogos Tradicionais Portugueses — nas ruas do Bairro

14H00 — Futebol — Campo de Futebol

15H00 — Andebol — Polidesportivo

16H00 — Futebol — Campo de Futebol

JARDIA

Dia 25 — 10H00 — Futebol Juvenil

16H00 — Chiquinho

FREGUESIA DE CANHA

Dia 25 — 10H00 — Sessão de Pintura Infantil — 1.ª Casa da Misericórdia

11H00 — Sessão de Cinema Infantil — «O uivar do lobo» — St.ª Casa da Misericórdia

21H00 — Espectáculo — Charanga da AMUT, Grupo de Dança, Fado, Grupo Rock 131

— St.ª Casa da Misericórdia

FREGUESIA DE SARILHOS GRANDES

Dia 24 — 22H00 — Saída da Charanga da AMUT — Centro de Sarilhos

25 — 09H00 — Saída da Banda e Final do Torneio de Mini-Futebol

UM JORNAL DE QUALIDADE AO SERVIÇO DA REGIÃO



REDACÇÃO: PRACA DA REPUBLICA, 43 — TELEF. 257 16 — 7800 BEJA



CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPO MAIOR

II Feira da Oliveira — de 13 a 20 de Maio

Depois da experiência adquirida em 1983, o Secretariado da Feira da Oliveira marcou a 2.ª edição do certame para o período de 13 a 20 de Maio. De acordo com a opinião recolhida junto dos expositores, dos técnicos e do público em geral concluiu-se que a data ideal para a Feira seria meados de Maio.

A inauguração da Feira está marcada para as 11 horas de 13 de Maio, o segundo domingo do mês, e estamos em crer que iremos ter, ao longo dos oito dias seguintes, a garantia de uma realização de alta qualidade e eficiência técnica, sobretudo após a introdução de importantes inovações que este Boletim dá a conhecer.

Aguarda-se assim que a II Feira da Oliveira-Campo Maior/84 seja a confirmação definitiva da única Feira da Oliveira e de Produtos Oleícolas existente em Portugal, e ao mesmo tempo a afirmação do certame no panorama agrícola nacional.

Jornadas Técnicas

Um dos pontos mais importantes da Feira da Oliveira é o que se realimenta com a realização das Jornadas Técnicas. Foi neste aspecto que se procederam às mais profundas alterações em relação à edição de 83: procurou-se uma maior incidência prática, para uma participação activa dos agricultores.

Para tanto adaptaram-se as datas ao período de fim-de-semana, e por isso as Jornadas vão decorrer de 17 (5.ª feira) até dia 20 (domingo).

Cultura Intensiva da Oliveira, Azeitona de Mesa, Funcionamento de Lagares e Comercialização, Colheita Mecânica, Propagação Vegetativa, Rega e Luta Contra as Pragas são os temas principais dos colóquios orientados por técnicos de Portugal e Espanha a terem lugar no Salão Nobre da Câmara Municipal de Campo Maior.

Cultura Popular

Campo Maior é sede de um concelho de grandes raízes culturais; não admira por isso que a

edição deste ano da Feira, no seguimento alias de trabalho encetado em 83, tenha no seu programa um conjunto de actividades que se estendam da dança ao artesanato, da música aos grupos corais, não esquecendo as «Saías», desgarradas populares de grande e impar tradição campomaiorense.

Logo no primeiro dia da Feira, um domingo, teremos uma actuação de ranchos folclóricos no recinto da Feira, ao fim da tarde. A Banda de Campo Maior dará um concerto na noite do dia 14.

Os cantadores de «Saías» vão encontrar-se na noite de 6.ª feira, dia 18, para um animado serão.

Sábado ao fim da tarde haverá o encerramento do Encontro de Coros Ibéricos, enquanto durante toda a Feira o Artesanato terá diversos pavilhões.

I Exposição Ibérica de Arte Moderna

A II Feira da Oliveira vai ocupar a segunda das três semanas em que estará patente a I Exposição Ibérica de Arte Moderna, já que esta mostra terá as suas portas abertas de 5 a 27 de Maio.

Aproveitando este Boletim não queremos deixar de fazer referência a esta exposição, até pelo seu carácter inédito na Península, certos que os visitantes da Feira da Oliveira marcarão presença na EIAM'84.

O patrocínio deste grande acontecimento, verdadeiro passo para a descentralização cultural do nosso país, é dado pela Câmara de Campo Maior e tem o apoio dos ministérios da Cultura e dos Negócios Estrangeiros, Sociedade de Belas Artes e Embaixada de Espanha em Lisboa.

Vão estar presentes 17 Galerias de Arte Portuguesas e 4 Espanholas, para além do convite expresso feito a diversos artistas de renome propostos pela Comissão Consultiva.

Durante 23 dias o Pavilhão do Sporting e o Salão da Agrô-Campo Maior vão receber obras de cerca de duas centenas de artistas de Portugal e Espanha.

A I Exposição Ibérica de Arte Moderna vai constituir, com toda a certeza, um acontecimento cultural que os campomaiorenses, a região e os visitantes da Feira não vão perder.



GRUPO DE CAMPOLIDE

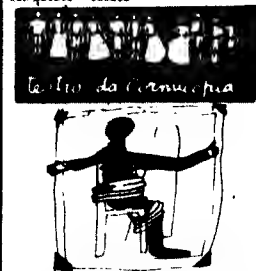
ESTREIA DIA 26

Dias 27, 28
e 30 às 21.30;
e dias 28 e 29 às 16

DE
JULIO MAURICIO
ENCENAÇÃO
ARTUR RAMOS
CENARIOS
ROGERIO RIBEIRO
COM
HENRIQUETA MAYA
EMA PAUL
LUIS VICENTE

SUB. M.C.C.M.A.

teatro da academia almadense TEL 2752175

TEATRO
DO BAIRRO ALTO
R. Taveira Raul
Cruz, 1-A
1300 Lisboa
Tel. 661315 e 669205

A MISSÃO

HEINER MÜLLER

Hoje, espectáculo
especial integrado
nas comemorações
da Associação
25 de AbrilÚltimas
representaçõesQUINTA
VENDE-SE

- Junto ao rio Guadiana
- Equipamento de rega e agrícola
- Casa de habitação
- Instalações Pecuárias
- Electricidade
- Telefone 068 43144

Revista das revistas

O Tempo e o Modo

Dirigido por Carlos Vargas, e tendo Fernando Rosas como chefe de Redacção, ressurgiu, como o «Diário de Lisboa» noticiou, a revista «O TEMPO E O MODO». O primeiro fascículo da nova série apresenta um cuidado aspecto gráfico e insere colaboração de António, António Lima Guerreiro, António Moreira, Alexandre Vargas, Fernanda Barão, Fernando Carneiro, Fernando Dacosta, Fernando Pinto Ribeiro, Fernando Rosas, Isabel Almeida, Júlio Vilarinho, Korina Horta, Luís Bensaja de Schiró, Luís Pignatelli, Meira da Cunha, Natália Correia, Nuno Júdice, Paul Fleury, Pedro Varanda de Castro, Ramos Rosa, Sam, Vitorino.

No editorial afirma-se: «O TM reaparece... após alguns anos de ausência. Renasce por vontade e iniciativa de um grupo de cidadãos, que ao assumir a responsabilidade de fazer reviver um título a vários títulos polémico, marcado por um historial diversificado e controverso, sabe estar essa sua escolha sujeita a incómodos e interpretações equívocas.»

Esta 3.ª série de «O TEMPO E O MODO» terá periodicidade trimestral.

Ler História

Revista quadrimestral de História dirigida pela doutora Miriam Halpern Pereira (professora do I.S.C.T.E.), «Ler História», no seu segundo fascículo apresenta um sumário do maior interesse e afirma-se no panorama das nossas publicações culturais de nível universitário, como uma revista de leitura indispensável.

A professora Miriam Halpern Pereira, directora da revista, assina um artigo intitulado: «A Crise do Estado do Antigo Regime: alguns problemas conceptuais e de

cronologia»; Helder Adegar Fonseca, do Departamento de História e de Arqueologia da Universidade de Évora, escreve sobre: «Senhorio, Rendeiros e Foreiros na Primeira Metade do Século XIX. Situações e conflitos. Um caso no termo de Alenquer»; Maria de Fátima Sá e Melo Ferreira, do Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa (do I.S.C.T.E.), publica um artigo intitulado: «Mudança Política, Religião e Cultura Popular: o «Cisma» da Granja do Têdo»; Rui Feijó, da Faculdade de Economia do Porto, trata da «Revolta dos Pinotes. Mobilização Rural e Urbana em Viana no Tempo da Patuleia»; Jaime Torres Elias, da Faculdade de Ciências Económicas da Universidade Autónoma de Barcelona; Maurice Godelier, do Collège de France, da EHESS e do CNRS, publica um artigo em que estuda «A Teoria da Transição em Marx». A revista publica, também um «documento»: «A política portuguesa de 1808 a 1830» de Mouzinho da Silveira. Nas secções «Críticas e Debates» e «Resenhas», colaboração de Luís Ramalhos Guerreiro, António Costa Pinto, Nuno Gonçalo Monteiro, Valentim Alexandre, Francisco Contente Domingues, Ana Mouta Faria, Magda Pinheiro, Benedita M. Duque Vieira.

A revista «Ler História» é parcialmente subsidiada pela J. N. I. C. T. e é editada por «A Regra do Jogo, Edições».

Communio

Temos presente o N.º 1 (Janeiro/Fevereiro), «Communio», Revista Internacional Católica, que apresenta temas de «reflexão teológica» e de «mundivivência cristã», publicação bimestral que conta com o apoio de teólogos e homens de cultura de diver-

sos pontos do País. Na apresentação da revista o seu director, Isidro Alves, salienta que ela «pretende ser um instrumento de reflexão da fé ao serviço de teólogos, de pastores, de animadores de comunidades e de um vasto grupo de pessoas com diversas responsabilidades na Igreja ou simplesmente interessadas pelo estudo dos problemas atinentes à fé».

Dentro deste objectivo, o primeiro número de COMMUNIO reflecte sobre o «Ser cristão hoje». Esta temática é analisada sob diversas perspectivas: do discípulo ao cristão (Isidro Alves), A fé transmitida pela Igreja (Arnaldo Pinho), o baptismo, sacramento da fé (Joaquim Bragança), A identidade cristã (D. José Policarpo, Viver a fé no mundo de hoje (Borges de Pinho), Fé e descrença na perspectiva psicanalítica (Albert Gorres). Em certa complementaridade apresentam-se ainda diversos depoimentos sobre os desafios que se colocam à Igreja em Portugal, 10 anos após o 25 de Abril.

COMMUNIO é uma revista de carácter internacional, que, na simultânea atenção à Igreja universal e às concretizações locais da mesma Igreja, deseja ser um órgão de comunhão através do diálogo. «Em todo o diálogo — escreve Hans Urs von Balthasar num artigo programático inserido também neste primeiro número — quem tem razão é sempre a verdade maior... Ser católico é deixar que essa verdade maior prevaleça, é deixar-se pôr em questão por ela; e esta tremenda exigência é a condição através da qual caminhamos ao encontro da COMMUNIO real, e nos tornamos participantes dela, que já nos possui».

O segundo número da revista terá por tema central «O Trabalho». Os restantes números do ano em curso abordarão os seguintes assuntos: O cristão e o poder; Esperança e escatologia; pecado, patologia e perdão; biologia e moral.



CÂMARA MUNICIPAL DE CORUCHE

PROGRAMA

QUARTA-FEIRA 25 DE ABRIL

- 14 Horas ARRIÇA «Centro Recreativo «CERRO MAIOR»
18 Horas SANTANA DO MATO — No Centro Social «CERRO MAIOR»
21 Horas COUÇO (Casa do Povo) «CERRO MAIOR»
07 Horas Pesca Infantil no Açude Agolada
08 Horas Alvorada com morteiros
10 Horas Inauguração da Casa da Criança com actividades infantis, teatro infantil e palhaços
Largada de 25 pombos
Simultânea de xadrez com o mestre internacional Joaquim Durão na Praça da Liberdade
11 Horas Inauguração da Rua 25 de Abril, na Quinta do Lago
11.30 Horas Cerimónia Oficial do izar da bandeira com guarda de honra do Corpo dos Bombeiros Municipais, nos Paços do Concelho
Largada de 25 pombos
12 Horas Concerto com a Banda da Sociedade de Instrução Coruchense, na Praça da Liberdade
14 Horas Ginástica na Praça da Liberdade
15.30 Horas Festival de Folclore na Praça da Liberdade
16.30 Intervenções Políticas
17.30 Horas Festival de Folclore (Continuação)

5.ª-FEIRA 26 DE ABRIL

- 21 Horas Cinema Português na Casa do Povo do COUÇO «ANTES A MORTE QUE TAL SORTE»

6.ª-FEIRA 27 DE ABRIL

- 21 Horas Cinema Português no COUÇO (Casa do Povo) «TRÁS-OS-MONTES»

SÁBADO 28 DE ABRIL
Cinema Português

- 14 Horas Centro Social ERRA «TRÁS-OS-MONTES»
18 Horas Escola Primária Courelas da Amoreirinha «TRÁS-OS-MONTES»
21 Horas Centro Social de Avervadinha «TRÁS-OS-MONTES»
16 Horas Teatro Centro Social de Arrifá — Cómicos pelo Grupo de Teatro da Sociedade Recreativa do Bairro da Areia
CICLISMO — Volta ao Concelho

DOMINGO 29 DE ABRIL

- 14 Horas Cinema Português — no Centro Social de Santana do Mato «TRÁS-OS-MONTES»
18 Horas Centro Social Volta do Vale «TRÁS-OS-MONTES»
21 Horas Centro Social de Santa Justa «TRÁS-OS-MONTES»
CICLISMO — Volta ao Concelho

SÁBADO 5 DE MAIO

- CICLISMO — Volta ao Concelho

federação
dos sindicatos
da função pública10 ANOS DE LIBERDADE SINDICAL
NA FUNÇÃO PÚBLICAALMOÇO COMEMORATIVO
28 ABRIL 1984 — 12H30M

1. Associando-se às comemorações do 10.º Aniversário da Revolução iniciada em 25 de Abril, a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública decidiu comemorar em 1984 os **10 ANOS DE LIBERDADE SINDICAL NA FUNÇÃO PÚBLICA**.
2. Enquadrado nestas comemorações, a Federação e o Sindicato dos TFP do Sul e Açores irão promover a realização de um **ALMOÇO COMEMORATIVO**, que pretende ser um ponto de encontro para todos aqueles que, desde a primeira hora, lutaram pelos — e nos — Sindicatos da Função Pública, contribuindo assim para tornar possível a constituição, edificação e consolidação das suas organizações de classe.
3. Na impossibilidade de convidar pessoalmente todos os muitos «companheiros de estrada» que gostaríamos de ver presentes neste Almoço Comemorativo no restaurante Valenciana, Rua Marquês da Fronteira, 157, Campolide, solicitamos que todos os interessados façam chegar a sua inscrição para este ALMOÇO — o mais tardar até ao próximo dia 26 de Abril — à sede da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, R. Rodrigues Sampaio, 138-3.º 1100 Lisboa.

**REFORCEMOS A UNIDADE
PELO DIREITO AO TRABALHO
POR UMA NOVA POLÍTICA
CONTINUAR ABRIL**

O SECRETARIADO DA FNSFP
A DIRECÇÃO DO STFPSPA



Naquela hora e meia tinham-se odiado bem e lançado um ao outro, a um ritmo quase perfeito, tudo o que já devia ter sido dito, conversado, discutido um dia, outro, outro ainda, mas não, fora o silêncio. Ambos tinham guardado cuidadosamente, nos cofres de segredo das suas cabeças, ressentimentos e rancores, e, naquela noite, uma faúlha sem importância havia dado origem às altas chamas que queima as almas e as deixam sem possibilidade de regeneração pelo menos no imediato. Mas nessa altura ela pensava, e ele também, que não havia regeneração possível, porque, de repente, cada um deles via o outro como a um estranho nunca amado. A mulher, por exemplo, estava abatida numa cadeira a olhar o homem a nadar de cá para lá e a ouvi-lo enumerar todos os seus crimes. Depois foi ela que se levantou e que fez a sua acusação, e que disse coisas que fingira a vida inteira ignorar. E ele agora compreendia que a mulher soubera sempre tudo e mentira a ponto de se calar, de lhe sorrir, de fingir que o amava, claro está, como era possível?

Dois estranhos frente a frente. Porque quando o incêndio do ódio, que era ódio, começou a cansar-se, ficou aquilo, a estranheza de dois seres humanos que viviam na mesma casa e dormiam na mesma cama. Ela estremeceu ao pensar nisso, ele também. E eram duas horas da manhã e não lhes vinha à ideia deitarem-se, como seria tal coisa possível? As chamas estavam a apagar-se mas ainda havia algumas, minúsculas mas perigosas, na periferia. Calavam-se, decidiam calar-se, mas isso ainda não era definitivo, e aqui e além nascia de novo um lume que ameaçava propagar-se. A noite era uma grande queimada, era preciso estar atento ao rescaldo.

O homem foi até à janela porque era Verão. Lá de fora vinha um ruído enervante de cigarras. Olhou para um e para outro lado, talvez nesse instante tivesse pensado: E se alguém ouviu? Era um homem secreto, aquele homem. Mas não, não havia ninguém por perto, ele, pelo menos, não viu ninguém. Foi então até ao armário onde havia copos e garrafas e serviu-se de uma bebida. Pergunto-lhe se quer? Pensou. Não, não lhe pergunto nada, respondeu a si próprio. E voltou para a janela com o copo na mão.

Ela sentara-se outra vez na sua cadeira de baloiço e

Os diamantes



sentia o coração bater muito depressa, não havia maneira de serenar. Apetecia-lhe dizer mais coisas mas dominou-se. Para quê? Lentamente, muito lentamente ia-se aproximando do seu estado normal. Calma!, pensou quase em voz alta, e olhou para ele com receio de que tivesse ouvido a voz do seu pensamento, mas não. Calma! repetiu. Criar problemas, alimentar problemas, para quê? Por vontade sua teria sorriso, teria dito uma das suas frases meio sibilinas, que sempre o deixavam espantado, sem perceber se ela estava ou não a falar a sério. Mas faltou-lhe a coragem, ainda. Acendeu simplesmente um cigarro, fumou-o todo inteiro, sem uma palavra. Muito devagar, até ao fim.

Estava quase vazia, exausta da luta, quando ele disse: «Queres ver?»

Levantou-se devagar, esmagou a ponta do cigarro com preciosismo, foi até à janela. «O quê? O que queres que eu veja?»

«Olha».

De princípio não viu nada. Depois foi-se habituando lentamente à escuridão e começou a desenhar um homem no chão, perto de um carro mal estacionado, mesmo por baixo da janela.

«Um ladrão? perguntou. Estará a tentar abrir o carro?»

«Não está a mexer no carro mas no chão, disse ele.

Não vês que está a mexer no chão?» perguntou ainda um pouco irritado.

«Uma bomba?»

«Que ideia». Não é preciso raspar o chão para pôr uma bomba. E ele está a raspar o chão, não vês?» disse com aspereza.

Agora, com a habitação era possível distinguir-lhe a roupa escura, larga demais para o seu corpo franzino. Tinha um pequeno saco na mão esquerda, ia metendo lá dentro terra, pedrinhas, o que seria?

«Que estará ele a meter no saco?» perguntou o homem, mas a pergunta não se dirigia, ainda não, a ela, era um homem rancoroso, falava consigo.

«Que está você aí a fazer?» perguntou quase ao mesmo tempo, em voz alta e zangada, o dono do carro mal estacionado, que acabava de chegar.

O outro respondeu com outra pergunta e em voz suave: «Vai levar o carrinho? Ainda bem, muito agradecido».

«Agradecido porquê?»

«É que tenho que apanhar mais uns diamantes e estão mesmo por baixo do seu automóvel. É um veio, não é assim que se chama?»

O outro berrou que não estava para brincadeiras, que não tinha paciência para bêbados, que ainda ia chamar um polícia e mais isto e mais aquilo. Mas ao fim e ao cabo foi-se embora. Devia estar com pressa.

«E esta?» disse o homem à janela, de copo na mão.

«É. E esta. Será doido? Achas que pode ser do calor? Ou terão havido hoje manchas no Sol?»

«Sei lá.»

«A verdade é que me pareceu ver-lhe luzinhas nas pontas dos dedos. Nunca procuraste diamantes, tu? Eu, tem sido uma fatura»

«Achaste algum?»

«Não sei. Nunca sei. Às vezes penso...»

«Estou com sono».

O homem fechou a janela e deitou-se no sofá. Ela perguntou se ele ficava ali.

«Talvez, não sei».

O pesquisador continuou decerto o seu trabalho porque, daí por meia hora, afastou-se a cantarolar como um triunfador.

Maria Judite de Carvalho



MUNICIPIO DE ALMADA CÂMARA MUNICIPAL

25 ABRIL 1984
10.º ANIVERSÁRIO

25 ABRIL

- 00.00 — Trafaria
FOGO DE ARTIFÍCIO
- 09.00 — Largo 5 de Outubro e Almada
Desfile das Colectividades, Corporações de Bombeiros, Comissões de Moradores e Trabalhadores
- 09.30 — Trafaria
Partida para a MEIA MARATONA promovida pela A25A.
SARAU DE GINÁSTICA
- 10.00 — Praça do MFA
Deposição de flores no monumento
- 10.30 — Praça S. João Baptista e imediações
GINÁSTICA, FUTEBOL, ANDEBOL, PINTURA,...
- 12.00 — Parque Com. Ramiro Correia
ANDEBOL, FUTEBOL
ORGANIZADO PELO S. Paulo F.C. Almada
- 15.00 — Parque Silva Nunes
TORNEIO DE FUTEBOL JÚNIOR
— C. R. Barroquense
CONCURSO DE PINTURA INFANTIL

28 ABRIL

- 14.00 — C.R.D. Ramalha
TORNEIO DE TIRO AO ALVO
- 15.00 — Centro de Dia da Charneca de Caparica
TORNEIO ABERTO DE DAMAS
- 16.30 — Oficina de Cultura
COLOQUIO
COM REPRESENTANTE DA A25A

29 ABRIL

- 09.00 — C.R. Feijó
PINTURA INFANTIL
- 09.30 — Chegadoinho
ORTA MATO organizado pelo C.R. Alagoa
- 15.00 — C.R. Feijó
SIMULTÂNEA DE XADREZ
— Parque do Monte de Caparica
TORNEIO DE FUTEBOL DE SALÃO

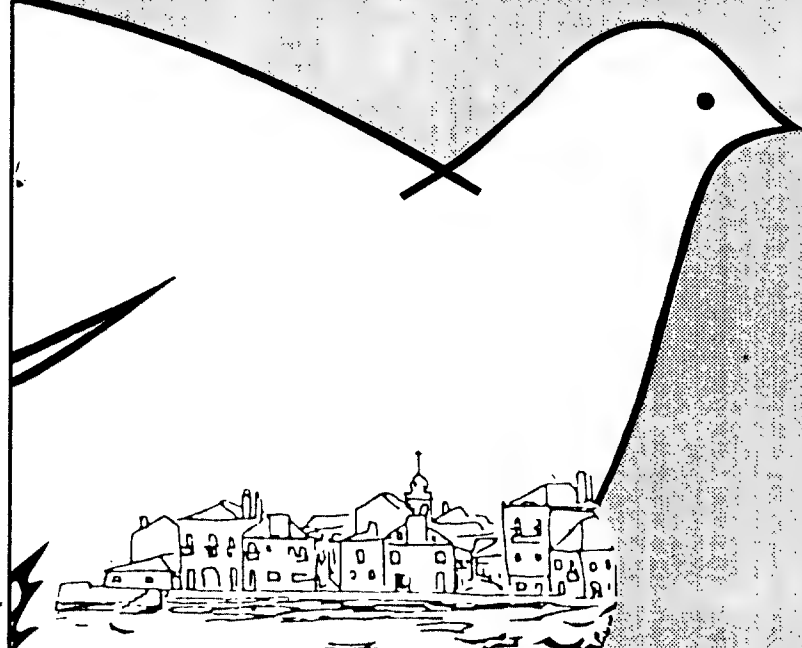
30 ABRIL

- Parque do Monte de Caparica
TORNEIO DE FUTEBOL DE SALÃO
- 1 MAIO**
09.00 — Parque Silva Nunes
Final de torneio de futebol júnior

COMISSÃO DE HONRA

Artur Neves de Almeida, José Martins Vieira, Celeste Moraes Cavaleiro, Romeu Correia, Alexandre Castanheira, João Raimundo, Henrique Barbeitos, Júlio Ferraz, Eduardo Alves, Fernando Proença, José Gonçalves, Fausto Martins, José Malheiro da Silva, Brissos de Carvalho, António Iria Revés, Cláudio Teixeira, António Teodoro.

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL



As Autarquias Locais não poderão acetar ser gestores de papel selado, de declarações de dívidas. Não poderão ser máquinas de fazer assinaturas, mendigos dos Ministérios distantes.

O Poder Local democrático tem sido, no nosso concelho, não apenas um elemento essencial do regime do 25 de Abril, mas também um factor privilegiado na dinâmica e participação efectiva das populações. Sem desesperança, continuaremos a trabalhar com a população, por um futuro melhor.

**PELA PAZ E PROGRESSO SOCIAL
RUMO AO FUTURO**



«Tenho o grato prazer de comunicar que, como presidente do Bóavista, posso assegurar que o Sporting acaba de contratar Chalana»



Na doca de Matosinhos, mesmo à beira-mar, é festivamente inaugurado no próximo domingo um busto de homenagem ao árbitro Santos Ruivo que, em seguida, irá dirigir a partida particular entre o Vizela e o Guimarães, dotada com o troféu «Amizade»

Desporto: do sonho à realidade

E, de repente, uma torrente de telexes, telefonemas, cartas, de todo o lado os êxitos e as novidades fervilhando, cada qual procurando ultrapassar (em sensacionalismo e alegria) a meta anterior.

Fernando Mamede bate o máximo mundial dos 10 mil metros e, no primeiro, no mais envolvente abraço, estão Teresa e Carlos Lopes. Firmino Bernardino, treinado por Joaquim Agostinho, está a um passo de triunfar na «Volta a França» anos depois de (também como amador) entrar no lisboeta «1.º de Maio» comandando a turma ciclista do Benfica, agora patrocinada por Manuel («Mercury») Barbosa, chefiada por Domingos Claudino e tendo no top um jovem «batatinha» que está colocando ao rubro os apaixonados pelo símbolo da águia», que sempre acreditaram que a palavra do presidente Fernando Martins seria sempre cumprida.

Encabeçando o executivo do Dramático de Cascais, o excep-

cional desportista que é Jorge Figueiredo lá está por terras italianas, com o «cinco» que tanto prestigia o nosso hóquei na «Taça dos Campeões Europeus», acesso conquistado depois de uma campanha nacional sem o mais leve desaire. Por seu lado, o ténis de mesa português segue as pisadas do basquetebol lusiada e, embora sem ter (de momento) figuras como as que integram o «cinco» sportinguista da bola ao cesto, coloca-se no grupo de favoritos, na testa do pelotão que joga a bolinha de celulósio.

No circuito de manutenção do Jamor, em amena cavaqueira, os professores Lopes Marques e Mirandela da Costa traçam as linhas metras do promotor grande congresso do desporto verde-vermelho, que será um modelar exemplo de descentralização, com jornadas orientadas em Coimbra pelo dr. Maló de Abreu e, na pista de «tartan» português (recentemente inaugurada pelo presidente camarário

Paulo Valada) ronda final com atletas azuis-brancos e sportinguistas, seguindo o salutar exemplo de Pinto da Costa e João Rocha, realizando demonstrações de estilo perante peritos norte-americanos e soviéticos, dentro do anual ciclo de intercâmbios e protocolos que foram assinados durante o excepcional consulado de Serra e Moura à frente da Secretaria de Estado dos Desportos.

É de inteira justiça salientar-se o apoio que a RTP (com o sector desportivo competentemente entregue a um triunvirato constituído por Ribeiro Cristóvão, Artur Agostinho e Almeida Ribeiro) tem prodigalizado à expansão de várias modalidades que estiveram durante dez anos no quase anonimato: ainda uma noite destas nos fora gratamente dado ensejo de ver o ex-futebolista Neto jogando à sueca numa colectividade da margem sul do Tejo e já se anuncia que, ao lusco-fusco de amanhã, duas equipas destacadas expressa-

mente para o efeito pelo presidente televisivo Soares Louro darão ao público, em revelação sensacional, as futuras aquisições futebolísticas do bejense Cabeça Gorda e do portuense e orgulhoso Guilpilhares Cruz Mesquita) já apresentou candidatura sólida à liderança da Federação Portuguesa de Futebol, agora que (em boa hora) se reconheceu que já não é exclusivo feudo de três clubes lisboetas o direito de colocarem personalidade de um só rosto e inatacável desportivismo no cadeirão da Praça da Alegria.

De Viena de Austria, a boa nova: à frente de três ginastas soviéticas, a representante portuguesa ganha inteiro direito ao pódio no mundial rítmico, afinal o mesmo que (em natação e beneficiando de Portugal ter ficado dotado com 135 piscinas de 50 metros e água quente) oito representantes das quinze desfilaram amanhã na jornada derradeira do «européu» da disciplina em que a RDA baixou bandeira,

no recente confronto efectuado no belo parque desportivo que Krus Abecasis proporcionou à zona lisboeta onde impera o Fonte-Santense.

Na sala de esgrima do Grémio Literário vai ter lugar, na tarde do próximo sábado, um avento que nos é particularmente agradável registar: o nosso campeão mundial de pentatlo moderno e os 226 floretistas inscritos federativamente, no mesmo certame aberto que (certamente) terá ainda a presença de uma formação do Inatel, em mais um espelho (se isso fosse necessário) da sua incansável obra desportiva, felizmente já alargada (por influência do dr. Miranda Calha, auxílio do Totobola e incremento da Federação das Colectividades de Recreio) a todas as empresas com número superior a 50 empregados.

Há instantes veio de Los Angeles a informação de que o futebol português, batida a turma brasileira por irrefutáveis 8-0 (cinco tentos saídos das botas de um

dos nossos mais prometedores amadores, o defesa Buskovic) estará nas meias-finais competindo com a representação de Gibraltar, treinada por António Medeiros que, no auge da fama, estuda convites do Cosmos, do Hamburgo e do Arrentela. Curiosamente, é de salientar o contributo que ao futebol português (vencedor do europeu em França) foi dado pelo recém-luso Roger Wilde, já envolvido nas altas cogitações do Inter, do Liverpool e do Desportivo da Pontinha.

Decididamente, foram dez anos de ouro. Durante largo tempo se afirmava que apenas nos tínhamos visto livres da PIDE, da guerra colonial, da Censura e da carestia de vida: hoje, por obra e graça de uma equipa governamental que se mantém coesa e firme desde a gloriosa noite de Abril, podemos (de cabeça erguida) gritar ao mundo que quem já não admite mais sócios é o desporto português.

Neves de Sousa

Armazéns de Móveis

BEIRA RIO

de António Carloto

Móveis
em
todos os
estilos



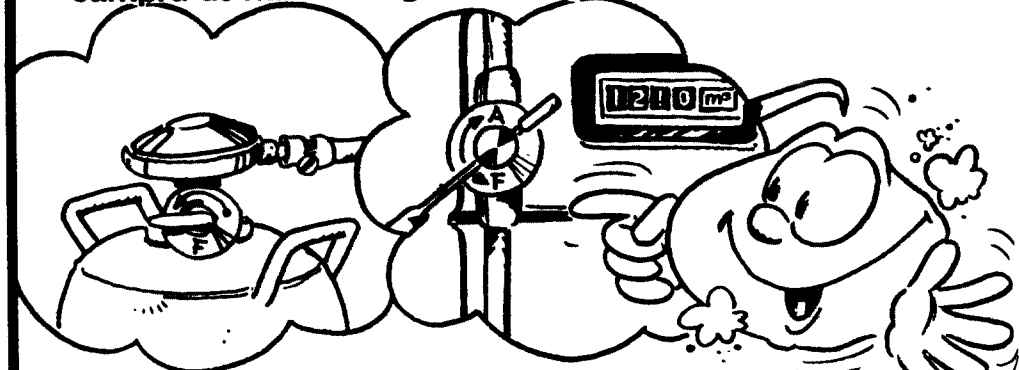
Para vossa
interesse
consultem
os nossos
preços

VENDAS:

Rua Miguel Bombarda, N.º 1, 222 e 222-A
Rua Serpa Pinto, 43 e 45

Tel. 2072448
BARREIRO

Sempre que se ausentar, não se esqueça,
feche a garrafa de gás ou a torneira do contador.
Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

Comemorações Populares do 25 de Abril

UM DOCUMENTO: texto do apelo para as Comemorações Populares do 10.º Aniversário do 25 de Abril. Emitido por uma centena de cidadãos dos vários quadrantes políticos da opinião democrática, este texto recolheu seguidamente muitas assinaturas em número que se torna impossível reproduzir.

CELEBRAR O 25 DE ABRIL 1. - 10 ANOS DE LIBERDADE

O 25 de Abril pertence ao património político e cultural do povo português. Esta data tornou-se o símbolo do seu amor à liberdade e do empenhamento em conservá-la. As celebrações anuais que o povo tem feito traduzem significativamente o júbilo pela dignidade reconquistada e o renascer da esperança colectiva num futuro mais justo para todos os portugueses.

No entanto, dez anos volvidos sobre a madrugada redentora, as comemorações de 1984 revestem-se de um significado peculiar. O País atravessa um momento difícil, polarizado na crise económica que gera dúvidas, desencantando e perplexidades. A elevação do nível de aspiração dos portugueses não encontra a sua correspondente satisfação. O desemprego, os salários em atraso, a degradação do nível de vida e a insuficiente clarificação das perspectivas para ultrapassar a actual conjuntura, dão lugar a um desmobilizador clima de insegurança, susceptível de ser manipulado pelos inimigos da democracia. Por isso, o 25 de Abril do presente ano deverá proporcionar uma tomada de consciência e uma reafirmação dos valores da liberdade e das potencialidades do sistema democrático como único caminho para a sociedade portuguesa.

As forças mais retrógradas empenham-se em espalhar a ideia de que os males que nos tocam foram originados pelo 25 de Abril. Se não há que escamotear os erros praticados ao longo dos últimos dez anos, a verdade é que não podem ser esquecidos nem lavados os crimes da ditadura, como não pode ser ignorada a calamitosa situação em que deixou Portugal. A política do anterior regime havia colocado o País à beira do precipício económico em que não tardaria a mergulhar caso o 25 de Abril não ocorresse. Hoje ainda se continuam a sofrer as consequências das estruturas económicas e sociais e do lastro cultural legados pelo fascismo. Acresce a todo este somatório o embate de que o País, dada a sua endémica dependência exterior, infelizmente acentuada, tem vindo a suportar como resultado da depressão que, pelo menos desde os finais de 1973, afecta várias regiões do globo.

Olhando o trajecto feito, com a profundidade que o tempo já decorrido permite e até malgrado algumas vicissitudes, o que já se foi realizando em tantos domínios torna legítimo concluir e proclamar de forma bem clara que o 25 de Abril valeu a

pena, que o 25 de Abril, no ideário libertador que transportava de uma sociedade mais justa e mais fraterna, continua a ser uma razão de esperança e uma referência congregadora de todos os democratas.

Comparando os tempos móbidos do fascismo com os tempos de hoje, o saldo positivo é convincente e indelével. Readquirindo o direito de cidadania, ficou aberta a possibilidade de os cidadãos intervirem na construção da sociedade e na escolha do seu próprio destino. A participação maciça nos sucessivos actos eleitorais demonstram a identificação dos cidadãos — no contexto de uma pluralidade de opções partidárias — com o processo de designação directa dos órgãos de poder, dos mais elevados órgãos de soberania aos da gestão autárquica, uns e outros elementos essenciais da organização democrática do Estado.

As liberdades de expressão e de informação, de manifestação, de associação e de reunião independentemente de alguns aspectos regulamentares que as enquadram, vieram reforçar a capacidade de intervenção responsável e construtiva dos cidadãos e contribuir para uma consciência social alargada dos seus direitos e liberdades fundamentais. O que de resto se tem evidenciado nas mais frequentes e diversas formas de acção popular.

O 25 de Abril trouxe aos trabalhadores o direito à livre organização trouxe aos trabalhadores o direito à livre organização de associações sindicais, à greve, à intervenção na vida das empresas, na legislação do trabalho, na gestão das instituições de segurança social e na definição e no controlo dos planos económico-sociais. Generalizou ainda o princípio do subsídio de férias e do 13.º mês, estabeleceu salários mínimos, consolidou a norma de uma graduação e sistemática melhoria das prestações sociais, bem como da extensão e cobertura de novos riscos abrangendo diversas categorias laborais e sociais, com a inclusão dos oriundos das ex-colónias. Não deverão esquecer-se os progressos já alcançados no plano da solidariedade social, no que toca aos mais desfavorecidos ou mais indefesos, nomeadamente quando se trata dos direitos da terceira idade e das crianças. A modificação das estruturas económicas, fazendo coexistir um sector privado com um sector público e um sector cooperativo e com a reforma agrária, criou condições para um adequado desenvolvimento económico e social.

Nem todas estas aquisições alcançaram concretização satisfatória. Muitas coisas noutros domínios aguardam ainda melhores dias. No entanto, 25 de Abril e o projecto de sociedade que a Constituição encerra, para além do muito que já foi feito, continua a apontar uma linha tendencial que permanece válida e deve ser defendida, dia a dia.

O 25 de Abril aderiu às ideias generosas e transformadoras as janelas da casa,

rão fechado em que Portugal se tomara. Os efeitos benéficos do arejamento nos domínios da cultura, da educação e da produção artística começaram a modificar a face do País. Com o 25 de Abril reconstruiu-se o direito a ter assento na comunidade internacional. Ao reconhecer a independência das colónias e a pôr fim a uma guerra injusta e perdida, poupou-se o sacrifício inútil da nossa juventude e assegurou-se a possibilidade de um relacionamento fraterno e potencialmente fecundo com os novos estados africanos de língua oficial portuguesa.

Neste 25 de Abril de 1984, volta a ser oportuno evocar que há dez anos ficou aberto o caminho à reconversão de instituições que a opinião pública e popular tinha como pilares da ditadura: o aparelho judicial de feição política, certas estruturas da Igreja, as Forças Armadas. Aos tribunais ficou aberto o caminho à dignidade de um órgão de soberania com a competência, que devem cumprir, de administrar a justiça em nome do povo. A toda a Igreja ficou também aberta a via para a sua reconciliação com a democracia. As Forças Armadas, pela ousadia dos capitães de Abril, restituindo aos portugueses os direitos e as liberdades fundamentais, resgataram-se também elas da servidão, devendo ficar, no contexto do Estado democrático vigente, ao serviço do povo português e da defesa militar da República.

2. - APELO

Os signatários, cientes da diversidade e da pluralidade das opções de cada um, estão certos de interpretar o sentimento mais autêntico do povo de Portugal ao lançarem este apelo à participação nas comemorações populares do X Aniversário da Revolução do 25 de Abril a todos aqueles que recusam a ditadura e se opõem firmemente à reconstituição das antigas oligarquias prepotentes e parasitárias.

Participar nas comemorações populares do X Aniversário do 25 de Abril é mostrar de novo o nosso reconhecimento aos militares que derubaram a ditadura e disseram-lhes que jamais poderão dissociar-se do povo, de que são parte integrante, na defesa da cidadania plena.

Participar nas comemorações populares do X Aniversário do 25 de Abril é manifestar, face à crise prolongada em que se debate a sociedade portuguesa, a certeza de que só os caminhos abertos em 1974 poderão dar resposta positiva às questões nacionais.

Participar nas comemorações populares do X Aniversário do 25 de Abril e contribuir para que Portugal seja um país cada vez mais respeitado internacionalmente.

Por todas estas razões, participar nas comemorações populares do X Aniversário do 25 de Abril é um imperativo para todos os democratas e antifascistas portugueses.

Assim, os signatários apoiam também com entusiasmo o programa de comemorações da Associação 25 de Abril e propõem-se assinalar a efeméride com uma manifestação popular, seguida de comício, em Lisboa, como tem vindo a ser feito em anos anteriores, apelando,

por fim, à realização de actos comemorativos e manifestações populares noutras localidades do país.

Lisboa, 8 de Março de 1984

Alguns signatários do apelo: Adelino Teixeira de Carvalho; Alberto Andrade; Alberto Antunes; Alcina Bastos; Alda Nogueira; Alberto Arons de Carvalho; Alexandre Manuel; Alfredo Pereira Gomes; Alfredo Pinto da Silva; Almeida Carrapato; Amarino Sabino; Américo Leal; Ângelo Veloso; António Abreu; António Arnaut; António Dias Lourenço; António Ferreira Guedes; António Figueira; António Galhordas; António Guterres; António Lopes; António Lopes Cardoso; António Marques do Carmo; António Tadorda; António Vitorino de Almeida; Aquilino Ribeiro Machado; Avelino Gonçalves; Blasco Hugo Fernandes; Cáceres Monteiro; Carlos Aboim Inglês; Carlos Brito; Carlos Candal; Carlos do Carmo; Carlos Costa Moreira; Carlos Luís Figueira; Catalina Pestana; Carlos Veiga Pereira; César de Oliveira; César Viana; Curado Ribeiro; David Carvalho; Diogo Duarte; Duarte Vidal; Emídio Fernandes (Farrica); Emídio Guerreiro; Emídio Rangel; Emelinda Duarte; Fausto Martins; Fernando Almeida; Fernando Cascais; Fernando Dacosta; Fernando Piteira Santos; Fernando Sylvan; Fernando Vale; Fialho Gouveia; Francini Benoit; Frederico Gama Carvalho; Gomes Carneiro; Gualter Basílio; Hélder Madeira; Helena Cidade Moura; Helena Felix; Henrique de Barros; Henriqueta Maya; Jacinto Batista; Jacinto Prado Coelho; Jaime Serra; João Cravinho; João Cunha Serra; João Lima; João Paulo Oliveira; João Soares Louro; Joaquim Caldeira Rodrigues; Joel Asse Ferreira; Jorge Sá Borges; Jorge Sampaio; Padre José Alves; José Brás Pinto; José Cardoso Pires; José Carlos de Vasconcelos; José Casanova; José Magalhães Godinho; José Manuel Leite; José Medeiros Ferreira; José Paulo Gascão; José Saramago; Laginha Serafim; Luísa Amorim; Luís Azevedo; Luís Catarino; Luís França; Luís Francisco Rebelo; Luís Kalidás Barreto; Luís Marinho; Luís Melo Biscaia; Luís Moita; Luís Oliveira Dias; Luísa Irene Dias Amado; Luzia Maria Martins; Manuel Azevedo; Manuel da Costa; Manuel Ferreira; Manuel da Fonseca; Manuel Macaísta Malheiros; Padre Manuel Reis; Manuel dos Santos; Margarida Elisa; Maria Ângela Miguel; Maria Belo; Maria Helena Andrade e Silva; Maria Helena Mateus; Maria de Lourdes Pintasilgo; Mário António Beja Santos; Mário Dionísio; Mário Neves; Mário Nuno; Nuno Brederode Santos; Nuno Tito de Moraes; Octávio Cunha; Oliveira e Silva; Orlando Carvalho; Orlando da Costa; Parcídio Sumavieles; Pedro Cid; Rui Grácio; Rui Polónio Sampaio; Seíça Neves; Sérgio Carvalho Duarte; Severiano Falcão; Teresa Alegre Portugal; Teresa Ambrósio; Teresa Barata Salgueiro; Teresa Horta; Teresa Santa Clara Gomes; Tomás Leiria Pinto; Urbano Tavares Rodrigues; Vasco da Gama Fernandes; Vanda Ramos; Vitor Brás; Zilda de Carvalho.

Hoje

RTP1

Pelas 19.25 a RTP-1 transmite em directo o jogo da segunda mão das meias finais da Taça dos Vencedores das Taças, em futebol entre as equipas do Aberdeen e o FC Porto

10.32 Abertura
10.35 Notícias
10.40 Parada Militar com cerimónias da bandeira
12.00 Dias Felizes
12.25 Enquanto é tempo
13.00 Telejornal
13.30 Pare, escute e olhe
13.55 O milionário dos pinguins
14.25 Exibição de pára-quedismo e acrobacia aérea
14.55 Assembleia da República
16.55 Exibições das Bandas Militares
17.30 Notícias
17.35 Exibições das Bandas Militares
18.10 O Bem Amado
18.45 Direito de Antena
19.00 Telejornal
19.30 Aberdeen/Futebol Clube do Porto
21.15 Para a história da Ditadura em Portugal
22.00 Sessão solene na Reitoria da Universidade de Lisboa
00.00 Telejornal

RTP2

19.30 Abertura
19.32 Notícias
19.40 Presença dos Açores
20.10 Um toque... de música
20.40 Estúdio Aberto
21.15 Jornal da Noite
21.45 A Guerra dos Sexos
22.30 Fama

Amanhã

RTP1

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV; 18.00 Notícias; 18.10 Grão a Grão; 18.30 Telerregiões; 19.00 Respublica; 19.30 Golo; 20.00 Telejornal; 20.30 «O Bem Amado»; 21.15 Aplauso com Michel Sardou; 22.15 Raio Azul; 23.15 Últimas notícias.

19.30 Notícias; 20.00 Talk Show; 21.15 Jornal da noite; 21.45 A Telenovela «Guerra dos Sexos»; 22.30 Histórias de mulheres «A Bela e a Rosa».

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
selecionou para si...

RTP1

Futebol
Aberdeen-FC Porto
(19.30)

RTP2

«Guerra dos Sexos»
21.45

RTP1

21.15

PARA A HISTÓRIA DA DITADURA EM PORTUGAL

Passados que estão dez anos sobre a data histórica do 25 de Abril, que instaurou em Portugal o regime democrático impunha-se uma análise aos 50 anos de ditadura vividos no País. Este programa traça alguns dos aspectos mais significativos da História de Portugal durante esse período até «25 de Abril de 1974».

Autoria: prof. Oliveira Marques.
Realização: Alfredo Tropas.

Assistência Técnica Grundig

NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



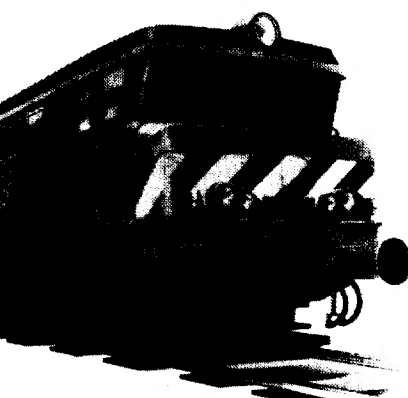
CHEQUE-TREM

Conta aberta na C.P.

15%
de redução
imediata

O CHEQUE-TREM é um novo meio de pagamento que permite a aquisição sucessiva de serviços ferroviários. Apresenta-se em duas modalidades, nominativos e de Empresa, e com dois valores - 12.500\$00 e 17.500\$00 - beneficiando o comprador de uma redução de 15% no acto da compra. O CHEQUE-TREM é um novo título de transporte, com validade ilimitada, que pode adquirir todos os tipos de bilhetes para 1.ª e 2.ª classes para

com-boios normais e rápidos, suplementos, reservas, despacho de automóveis e cobranças em trânsito. Não é válido, no entanto, para comboios transviários, nem nas áreas de utilização do passe social. O CHEQUE-TREM já entrou em circulação e encontra-o em qualquer estação da CP ou nas Agências de Viagens.



caminhos de ferro · caminhos de futuro

Envie este cupão para:
CP-Caminhos de Ferro Portugueses, EP - Departamento Comercial - Estação de Sta. Apolónia - 1196 LISBOA CODEX
Querram enviar-me o folheto "CHEQUE-TREM - Conta Aberta na CP".
Nome: _____
Morada: _____
Localidade: _____ Código Postal: _____

Sindicato dos Magistrados do Ministério Público

O 25 DE ABRIL FOI UMA DATA HISTÓRICA NA VIDA DO POVO PORTUGUÊS.

O SMMP CONGRATULA-SE PELA PASSAGEM DO SEU 10.º ANIVERSÁRIO E MANTÉM VIVA A ESPERANÇA QUE A LIBERDADE E A DEMOCRACIA CONSTITUAM CONQUISTAS DEFINITIVAS DO NOSSO POVO.

A DIRECÇÃO DO SMMP



rádio

Antena Um

15.45: Reportagem da Assembleia da República, da sessão evocativa do 25 de Abril; 18.00: A gaita dos sete totes; 19.00: Informação e música; 19.30: Transmissão directa da Escócia, do encontro de futebol, 2.ª mão, das meias-finais, da Taça das Taças, Aberdeen - F. C. do Porto; 21.30: Transmissão directa da sessão solene comemorativa do 10.º aniversário do 25 de Abril; 23.30: Último jornal.

Programa 2

16.25: Música instrumental; 17.00: Quarteto n.º 15, em lá menor, de Beethoven; 18.05: Intérmios portugueses; 18.40: "Os Prejúdios", poema sinfónico, de Liszt; 19.00: Tratos e retratos; 19.40: Concerto, em ré maior, para a mão esquerda, de Ravel; 20.05: "Fandango com Variações", opus 4, de Domingos Bomtempo; 20.15: A voz de Roma; 20.30: Música instrumental; 21.00: Compositores portugueses; 22.00: Música do bailado "As Corsas", de Francis Poulenc; 22.35: Sinfonia n.º 3, em lá menor, de Rachmaninoff; 23.15: Música para orquestra de câmara; 23.50: Solos de piano; 00.00: Intercâmbio musical; 00.30: Música de Mozart; 01.00: Noticiário Fecho.

RÁDIO COMERCIAL

14.00: Malinês; 17.00: Rápido das cinco; 18.00: Montra som; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca (2.ª edição); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 23.30: Desporto; 23.00: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Tema com variações; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

15.00: Clube da casa; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.30: Horizonte; 20.30: Programa da LAR; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Ouvir e pensar; 22.00: Hora de música; 23.00: Diário 23; 23.40: Bola branca (3.ª edição); 23.55: Meditando.

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: Universidade na Rádio; 22.57: Boa noite; 23.00: A cor do som; 01.00: As superestrelas do FM.

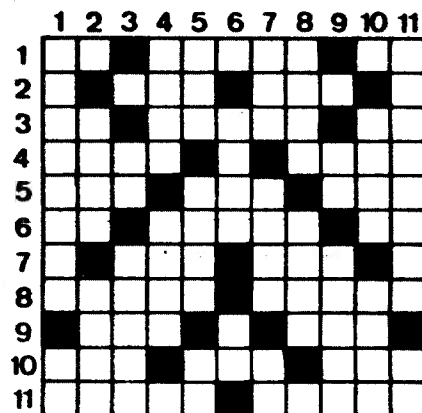
Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14 019

HORIZONTAIS:

- Nome de letra. Tempo do verbo ser. Duzentos em romano.
- Lírio. Escarneceu.
- Reis. Gorgulhos tropicais. Nesse lugar.
- Numeral cardinal (fem.). Avalia.
- Agora. Reles. Rio de França.
- Autóres. Ocasões. Antes de Cristo.
- Desgraça. Religião.
- Inunda. Azedós.
- Freguesia do concelho de Alenquer. Suspiros.
- Prendo. Solitários. Pega.
- Emparelhas. Patife.



VERTICAIS:

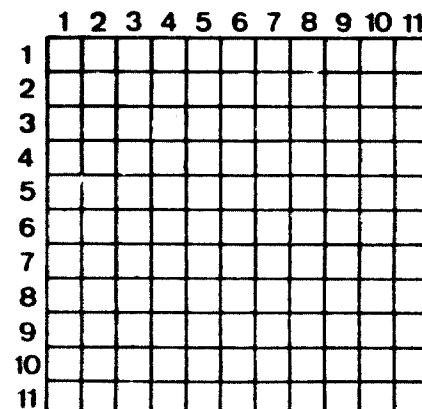
- Desculpara. Antes de Cristo.
- Pantomina. Porção de peixe que se vende em leilão.
- Em partes iguais. Apellido.
- Fechas as asas para descer mais depressa. Onda grande.
- Sufo que designa abundância. Navio. Abreviatura de Santíssimo.
- Gorme (fig.). Boro (s.q.).
- Rogo. Aparelha (o cavalo). Sua Majestade.
- Tino. Estiagem.
- Batráquio. Abstrair.
- Género de rosáceas da Guiana, também chamada acosa. Catalão.
- Menino ou menina (pl.). Ouro (s.q.).

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9869

HORIZONTAIS:

- Velhote.
- Artigo definido (ant.). Transpirar. Clima.
- Mover os remos. Auspicio.
- Vila e concelho do distrito de Portalegre. O mesmo que arão.
- Sadras. Época. Rio de Portugal.
- Parcela (fig.). Parte do lombo do bovino entre a pé e o cachaço.
- Preparar.
- Antes de Cristo. Crómio (s.q.).
- Vigiar. Ave nocturna.
- Prendera com eles. Que dura um ano.
- Níveis. Batráquio. Pronome reflexo.



VERTICAIS:

- Simplex. Estar sepultado.
- Afastar. Câmara.
- Misturada. Pêlos de certos animais.
- Pegas. O mesmo que ampara (pop.).
- Nome de homem. Nome de mulher. Freguesia do concelho de Penafiel.
- Batráquio. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Laço.
- Eslava. Primeira parte do nome de uma rainha do Egipto. Oceano.
- Dança indígena de Cabo Verde. Cabeça de pão (Prov. alentejano).
- Brilhante (fig.). Cobre (s.q.).
- Tratam por tu. Planaltos.
- Guarnição de arames. Sucessão (fig.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 018

HORIZONTAIS:

- Nau. ANO. Cás.
- Es. Amara. Lã.
- Tramada.
- Os. Aso. Oco.
- Sai. Sr. Rã.
- Oco. Aa. Nico.
- Atas. Ca. Ir.
- Ac. Mós. Am.
- Aa. Saro.
- Inês. Grelas.
- Soro. Ais. Só.

VERTICAIS:

- NEVOSO. Mais.
- As. Saca. ANO.
- Lota. Er.
- Ara. Acaso.
- Amassas.
- Namora. Miga.
- Ora. Co. Ri.
- Adornasses.
- Açai. Al.
- Al. Caras.
- Ser. FORMOSO.

Provérbio: Ano nevoso, ano formoso.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9868

HORIZONTAIS:

- Somar. Ocara.
- Asira. Rogem.
- Isar. Lapa.
- Arendero.
- Morar.
- Empar. Lista.
- Uta. Acres.
- Ritá. Oaio.
- Sa. Pia. SM.
- Es. Pela. Am.
- Sorte. Anosa.

VERTICAIS:

- Sai. Pear. És.
- Ossa. Isso.
- Miar. Pura.
- Arremala. Pt.
- Ra. Nora. Pie.
- Sr. Fie.
- Or. Fala. Ala.
- Colérico.
- Agar. Sras.
- Rapo. Teimas.
- Am. Raso. Má.

COTACÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTACÕES DE NOTAS

(Por unidade)

	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	92\$95	98\$95
ALEMANHA FED (marco)	50\$15	51\$25
ÁUSTRIA (xelim)	7\$05	7\$25
BÉLGICA (franco)	2\$290	2\$490
BRASIL (cruzeiro)	\$055	\$105
CANADA (dólar — notas de 1 e 2)	104\$35	106\$35
(notas de 5 e 1000)	104\$85	106\$85
DINAMARCA (coroa)	13\$65	14\$05
ESPAÑA (peseta)	\$856	\$976
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	133\$80	135\$80
(notas de 5 e 1000)	134\$30	136\$30
FINLÂNDIA (marca)	23\$60	24\$20
FRANÇA (franco)	16\$30	17\$00
HOLANDA (florim)	44\$45	45\$45
IRLÂNDIA (libra)	155\$20	158\$20
ITÁLIA (lira)	\$074	\$084
JAPÃO (lira)	\$568	\$603
NORUEGA (coroa)	17\$55	18\$05
REINO UNIDO (libra)	188\$90	193\$90
SUECIA (coroa)	16\$95	17\$55
SUÍÇA (franco)	60\$70	61\$80
VENEZUELA (bolivar)	7\$75	8\$75

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 13.45, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
MARY POPPINS

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10 e 21.30
- M. 6 a.
O REGRESSO DO CAVALO NEGRO
Às 23.30 - N. ac. men. 18 a.
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
Agora na Páscoa! Volta o maior êxito do cinema cómico dos últimos anos!
Um grande espectáculo de gargalhada e juventude!
A TURMA DOS REPETENTES

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 anos
LAÇOS DE TERNURA

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 13.45, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
MARY POPPINS

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 anos
NEGÓCIO ARRISCADO
c/ Tom Cruise e Rebecca de Mornay

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
WARGAMES, JOGOS DE GUERRA
Às 24
OPÇÃO FINAL

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
O POLÍCIA 777, O REI DA COMÉDIA
de Jacques Gelman
c/ Cantinflas (Mário Moreno)

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
MILAGRE DE AMOR
Às 24
ROCKY III

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30
- M. 12 a.
JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
THE DAY AFTER, O DIA SEGUINTE

CONDES 322573

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
DEBAIXO DE FOGO
c/ Gene Hackman, Nick Nolte e Joanna Cassidy
Colorido

2000 2100555

Av. B. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14.30, 18 e 21.30
- M. 18 a.
SCARFACE, A FORÇA DO PODER

ESTÚDIO 555134

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15, 17, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
80.ª semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
THE DAY AFTER, O DIA SEGUINTE
5.ª Semana

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1
Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- Int. men. 16 a.
DEBAIXO DE FOGO
de Jonathan Taplin
c/ Nick Nolte, Joanna Cassidy e Gene Hackman

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 18.45 e 21.30
- M. 6 a.
MILAGRE DE AMOR
c/ John Travolta e Olivia Newton John

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- Para Todos
OS MALUCOS CONTRA OS GANGSTERS

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 - N. ac. men. 18 a.
MERCENÁRIOS POR CONTA PRÓPRIA

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
TUBARÃO 3
Às 24
FALCÕES DA NOITE

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 anos
O CRISTAL ENCANTADO

ODEON 328283/4

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
Um filme cheio de acção e suspense
BURCE LEE O SUPER-HERÓI

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
- M. 12 a.
A ATRACÇÃO DO CRIME
c/ Tony Curtis, Roger Moore e Penelope Horner
Colorido



«O CONTRATO» um filme de qualidade realizado por PETER GREENAWAY.
Em exibição no cinema Quarteto.

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
A ATRACÇÃO DO PERIGO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 12 a.
NO LIMAR DA REALIDADE
Às 23.30 - M. 18 a.
A MULHER FELINA
de Elliot Silverstein

SALA 2
Às 14.15, 16, 17.30, 19 e 22.30
- M. 12 a.
ZELIG

Teatro às 21.30 - M. 16 a.
TRICÕES
de Harold Pinter

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 18 a.
A MULHER EM CHAMAS
Às 23.30 - M. 18 a.
A ALCOVA DO BISPO
De Dino Risi

SALA 4
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 12 a.
O CONTRATO
Às 23.30 - M. 18 a.
O MISTÉRIO DE AGATHA

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
THE DAY AFTER, O DIA SEGUINTE
Às 24
OS AMIGOS DA ONÇA

ROMA TEL. 727778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
O acontecimento!
O filme de maior impacto em todo o Mundo
THE DAY AFTER, O DIA SEGUINTE

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
A TURMA DOS TARADOS
c/ Renzo Montagnani e Carmen Russo
Colorido

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
YENTL
c/ Barbra Streisand

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19 e 21.15
FOME DE VIVER
c/ Catherine Deneuve e David Bowie
- M. 18 a.

SALA 3

Às 14.30, 16.30, 18.45 e 21.45
- M. 12 a.
ZELIG
c/ Woody Allen e Mia Farrow

7.ª ARTE 730715

Av. República, à E. Entre Campos, junto ao n.º 63

Às 14.30 - 17.00 - 19.15 - 21.45 - 24.00
M. 12 anos
YENTL
Domingo às 11.15 - Para Todos
DUMBO, O REI DO CIRCO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
A EDUCAÇÃO DE RITA

TURIM 706666

E. de Benfca, 723-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA
Às 11 - Para Todos
ALIBABÁ E OS QUARENTA LADRÕES

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, lote 879

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 16 anos
NEGÓCIO ARRISCADO
c/ Tom Cruise e Rebecca de Mornay

XENON 35841

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a.
O ANJO MALDITO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Laços de ternura», às 21.30 (16 anos)
ALFA-2 - «A Força do Poder», às 21.15 (18 anos)
ALFA-3 - «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)

OLÍMPIA - «O Grito do Sexo», sessões permanentes (18 anos)
MUNDIAL - «Laços de Ternura», às 21.30 (16 anos)

RETELO - «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
LONDRES - «Finalmente Domingo», às 21.30 (12 anos)

ALFA-CLUB - «Jogos de Guerra», às 21.30 e 24.00 (12 anos)
TIVOLI - «Mary Poppins», às 21.30 (6 anos)

TERMINAL - «No Limiar da Realidade», às 21.30 (12 anos)
APOLLO 70 - «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)

ESTÚDIO ACS - «As Loucas Aventuras de Barba Amarela, o Pirata», às 21.15 (12 anos)
CITY-CINE - «Fanny e Alexandre», às 21.00 (13 anos)

CAPITÓLIO - «Entre Coxas», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
PROMOTORA - «1990, os Guerreiros de Bronx», às 21.30 (16 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «Romance em Nova Iorque», às 21.15 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «A Filha da Selva», às 21.15 (13 anos)

OEIRAS - Oeiras-Cine - «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.15 (13 anos)
PARADE - Royal-Cine - «Os Executores», às 21.30 (13 anos)

SÃO JOÃO DO ESTORIL - Cinelandia - «Corrida de Loucos», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Casino - «O Último Fôlego», às 21.15 (16 anos)

CASCAIS - Oxford - «Os Malucos Contra os Gangsters», às 21.30 (6 anos)

Outra Banda

ALMADA - Cineestúdio - «Os 3 Indomáveis Patifes», às 21.30 (6 anos)

ALMADA - Incrível - «A Febre Contínua», às 21.15 (12 anos)
AMORA - Lord - «Os 3 Dias do Condor», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Assim Nasce um Herói», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS - Cine-Chaby - «Forte Apache», às 21.30 (18 anos)

ALVALADE - Sanex, Av. da Igreja, 31-C (T. 897505); **ARCO DO CEGO**: Providência, R. D. Filipe de Vilhena, 9-C (T. 770324); **BENFICA** - PORTAS DE BENFICA: Benfca, E. de Benfca, 678-E (T. 702532); **CAMPO D'OURIQUE**: Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **CORTES** - RUA NOVA DA PIEDADE: Conflança, P. das Flores, 59-60 (T. 670401); **LUMIAR**: São Tomé, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **MADRE DE DEUS**: Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **MARQUES DE POMBAL**: Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA DE FRANÇA**: Carrondo, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518);

ERICEIRA - Cineestúdio - «Os 5 Magníficos», às 21.15

Porto

SÃO JOÃO - «Laços de Ternura», às 21.30 (12 anos)
CHAPLIN - «007, Operação Tentáculo», às 21.30 (12 anos)

SALA-BEBÉ - «Revelações», às 21.45 (16 anos)
JÚLIO DINIZ - «Os Malucos Alacem», às 21.30 (Todos)

COLISEU - «Mary Poppins», às 21.30 (Todos)
RAIONE - «Opção Final», às 21.30 (12 anos)

VALE FORMOSO - «O Dragão do Lago de Fogo», às 21.30 (13 anos)
AGUIA - «Xenite Quebra Ossos», às 21.30 (18 anos)

RIVOLI - «A Máscara do Ranger», às 21.30 (Todos)
BATALHA - «As oucas Aventuras de Barba Amarela, o Pirata», às 21.45 (12 anos)

PEDRO CEM - «O Cristal Encantado», às 21.30 (Todos)
LUMIÈRE-A - «O Dia Seguinte», às 21.30 (12 anos)

LUMIÈRE-L - «Yentl», às 21.45 (12 anos)
PASSOS MANUEL - «Os Marginais», às 21.45 (12 anos)

CHARLOT - «Ser ou Não Ser», às 21.30 (12 anos)
TRINDADE - «Zelig», às 21.15 (12 anos)

FOCO - «Scarface», às 21.45 (18 anos)
OLÍMPIA - «Policías e Ladrões», às 21.30 (12 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALFAMA: Arnali, R. Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO** - RIO SECO: Dilema, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 842533); **ALVALADE**: Sanex, Av. da Igreja, 31-C (T. 897505); **ARCO DO CEGO**: Providência, R. D. Filipe de Vilhena, 9-C (T. 770324); **BENFICA** - PORTAS DE BENFICA: Benfca, E. de Benfca, 678-E (T. 702532); **CAMPO D'OURIQUE**: Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **CORTES** - RUA NOVA DA PIEDADE: Conflança, P. das Flores, 59-60 (T. 670401); **LUMIAR**: São Tomé, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **MADRE DE DEUS**: Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **MARQUES DE POMBAL**: Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA DE FRANÇA**: Carrondo, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518);

teatros

Lisboa

VILLARET - «O Super Silva», às 21.30 (12 anos)
D. MARIA II - «Sarah Bernhardt», às 21.30 (12 anos)

MARIA MATOS - «Annie», às 20.00
SALA EXPERIMENTAL - «A Iha do Rei: Sono», às 15.15

ABC - «É Tudo a Roubar», às 20.30 e 23.00 (16 anos)
VARIEDADES - «Eu Desço na Próxima, e vocês?», às 21.45 (12 anos)

BAIRRO ALTO - Cornucópia - «AMissão», às 21.30 (12 anos)

PORTO

CAMPO ALEGRE - Seiva Trupe - «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
POVO PORTUENSE - «O Amor de uma Mulher», às 21.45 (13 anos)

REALEJO - «Calé Teatro», às 21.45 (13 anos)

Outra banda

ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9 (T. 2768030). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE**: Louro, R. Alexandre Herculanio, 6-B (T. 2763517). Permanente; **LARANJEIRO**: Oliveira Sérgio, P. dos Alamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA**: Chai, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **SESIMBRA** - Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **LAVRADIO**: J. Consolado, Av. Joaquim F. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO**: Central, Av. Alfredo Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA**: Cardoso, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS**: Abreu Cardoso, Barro Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA**: Nobre Guerreiro, R. Dr. Emilio G. Mendes, 314 (T. 2212923); **ARRENTELA**: Luilana, P. Cándido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO**: Giraldo, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA**: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2390299). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS**: Guarnião, R. Cándido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE**: Gamaleiro, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETUBAL**: Mira, P. Jorge AT. (T. 20427) Permanente; **PORTUGAL**, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Permanente.

Linha de Cascais

ALGÉS: Branco, Av. Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA**: Melo Al-

farmácias

meida, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 219697). Até às 19 horas; **PAÇO DE ARCOS**: Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **NOVA OELAS**: Leal, Quinta das Palmeiras, lote 24 (T. 247723); **CARCÁVELOS**: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **PARADE**: Mendes Junqueiro, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **CASCAIS**: Cascais, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra

AM

DL

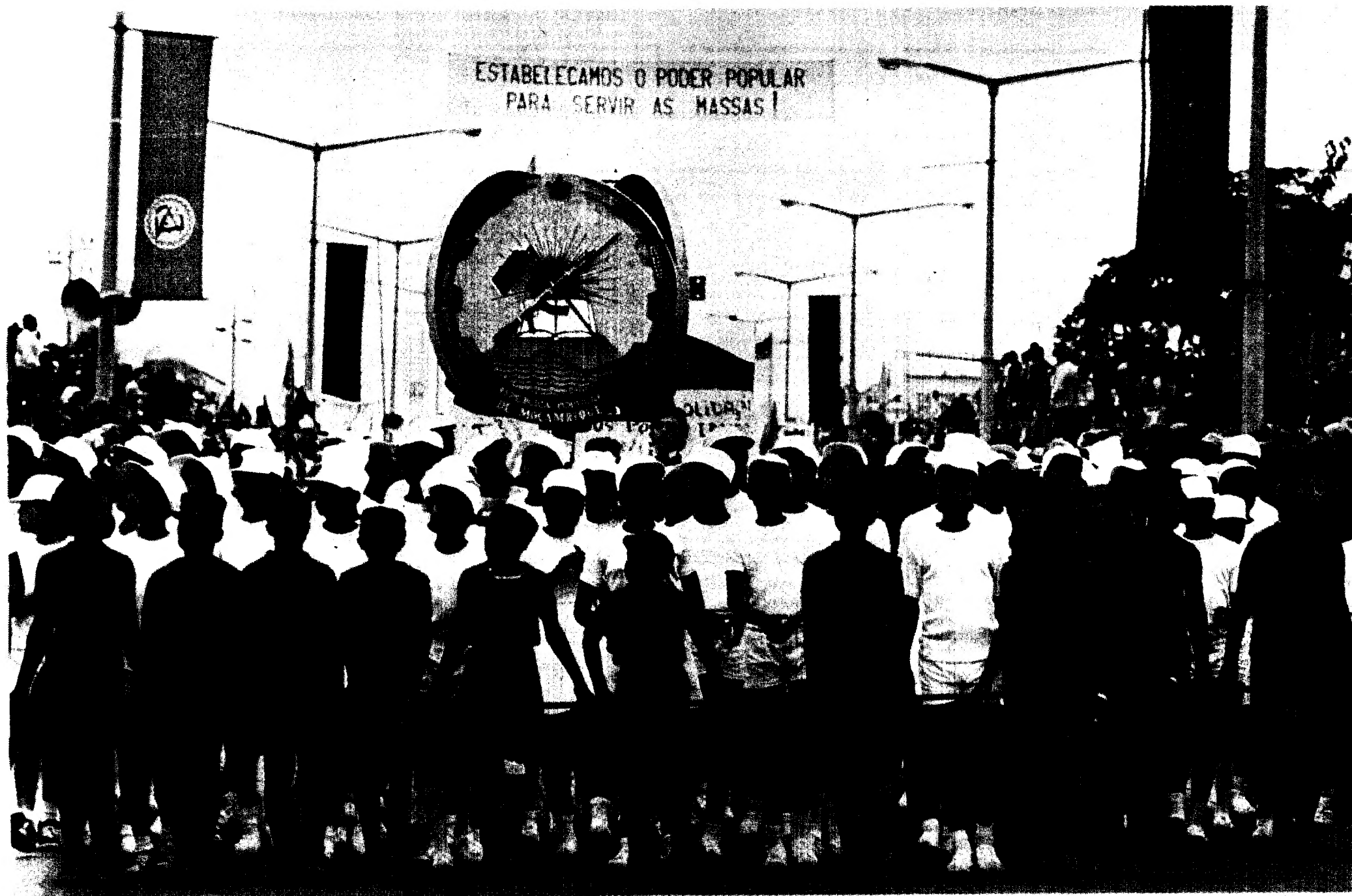
PORTO
PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320871/2/3
Publicidade: 308740
Serviço de notas (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320871/2/3

Depósito Legal n.º 143/82
Endereço Telegráfico: DUBOA
Telex 12389 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20854/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua de Nave, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARÉS DE HOJE	
PREIA-MAR BAIXA-MAR	11.51 3,1 m 5.26 1,7 m
	17.39 1,8 m
Dia 26	
0.07 3,4 m 6.11 1,5 m	
12.38 3,3 m 18.22 1,5 m	
TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:	
VIANA DO CASTELO	12°
BRAGANÇA	9°
VILA REAL	9°
PORTO	12°
COIMBRA	13°
CABO CARVOEIRO	14°
PORTALEGRE	12°
LISBOA	12°
ÉVORA	12°
BEJA	13°
FARO	15°
SAGRES	—
PUNTA DELGADA	16°
FUNCHAL	16°



Nunca confundimos o inimigo...

Moçambique, 1974. Um mês depois do abraço trocado entre Mário Soares e Samora Machel em Lusaka em Junho, um jovem comandante da Frelimo abre a frente da Zambézia, um distrito colonial que atravessara incólume a guerra.

Bonifácio Gruveta avança praticamente sem encontrar resistência. Militares e civis estão estupefactos. Mesmo essa retaguarda de apoiantes e simpatizantes da Frelimo finalmente capaz de se manifestar em liberdade, não compreende.

Desde Maio, pelo menos, que à margem das negociações oficiais, unidades do exército português e forças da Frelimo se en-

tendem no terreno. Porquê esta ofensiva, na estação chuvosa, entre Julho e Agosto?

Fazem-se apelos. De Maputo, um velho resistente vai a Quelimane, capital da Zambézia, e, pela rádio, pede a Gruveta para parar. Em vão.

Outro cenário: Cabo Delgado, fronteira do Rovuma. Agosto. Um quartel, durante anos isolado, está em paz. É Omar, junto à fronteira com a Tanzânia. Numa madrugada, forças da Frelimo atravessam o rio e cercam o quartel. O jovem alferes não acredita na reabertura das hostilidades. Vai ao encontro das forças sitiadas. conversa com o seu comandante. Os soldados portugueses assistem, sem esboçar qualquer gesto

hostil. A conversa é curta. Todos os militares portugueses são feitos prisioneiros e levados para a Tanzânia, onde permanecerão até à sua libertação, em Setembro.

A Frelimo não dá explicações. Tecem-se toda a sorte de conjecturas. A mais comum, é a de que se trata de um gesto político, destinado a pressionar Lisboa.

Em Setembro, na assinatura dos acordos de Lusaka, este silêncio mantém-se. Apenas Bonifácio Gruveta tem um desabafo zangado quando depara com aquele velho resistente, autor dos apelos à paz: «Que brincadeira foi essa de andar a pedir para depormos as armas? Você não sabe o que é militância?»

Nem mesmo nessa tarde em que a notícia da eclosão do movimento reaccionário do 7 de Setembro, em Lourenço Marques, chega ao palácio do presidente Kaunda, levando àquele enorme explosão de cólera de Samora Machel que tanto irritou Spínola e só Vasco Gonçalves apaziguou os dirigentes da Frelimo se abrem.

Interrogado, Joaquim Chissano sorri e limita-se a dizer: «Ha muita coisa que vocês não compreendem.» E Oscar Monteiro: «Era preciso.» Por aqui ficam os comentários.

Samora regressa, entretanto, a Dares-Salam e Chissano assume a chefia do Governo de transição em Lourenço Marques. Os meses

passam e, uma noite, em 1975 na calma do Instituto de Moçambique, na capital tanzaniana, Samora abre-se finalmente. Naquele seu jeito característico evoca os acontecimentos de há um ano.

«Os militares patrióticos portugueses fizeram uma revolução. Tomaram o poder, não foi? Então, se tomaram o poder, tinham de o exercer. É assim que as coisas têm de ser. Mas eles estavam a perdê-lo. Não eram capazes de controlar os acontecimentos. Foi por isso que houve o 7 de Setembro, não é verdade? Era preciso que eles tomassem consciência disso. Por isso atacámos, para eles compreenderem que tinham de se manter unidos e fortes.»

Dez anos depois, recordando esses dias agitados da descolonização, lamentar-se-á que a «mensagem» contida na ofensiva de Bonifácio Gruveta, no assalto na Omar, numa multidão de incidentes menores, não tivesse sido compreendida. Porém, para além dos erros cometidos ao longo de todo o processo, dez anos depois prevalece intacta toda a riqueza desse raciocínio de um grande dirigente africano, rematado com uma frase que, hoje ainda, pontua o discurso político de Samora Machel: «Nós nunca confundimos o inimigo.»

Eduardo Rebelo